A constituição e o percurso das colecções científicas dos jesuítas exilados pela 1ª República: o caso de Carlos Zimmermann SJ (1871–1950)

Francisco Malta Romeiras*

À data da implantação da República, os jesuítas portugueses orgulhavam-se do legado educativo e científico que tinham construído nos últimos cinquenta anos. Este sentimento devia-se, em larga medida, ao sucesso dos seus colégios, onde se dava particular ênfase ao ensino experimental das ciências naturais, e manifestava-se, principalmente, nas sessões solenes das academias científicas, onde os próprios alunos realizavam experiências modernas, e com um certo carácter de espectacularidade, perante uma audiência composta pelos professores e por todos os alunos e suas famílias.[1] Estas sessões, que chegaram a ser presididas por personalidades tão ilustres da sociedade portuguesa como o Príncipe D. Luís Filipe e o Infante D. Manuel de Bragança (Colégio de Campolide, 1905) e o Director Geral da Instrução Pública (Colégio de Campolide, 1906), representavam, de certa forma, o culminar dos esforços públicos dos jesuítas em rebater as acusações pombalinas que os responsabilizavam pelo atraso educativo e científico português.[2] Depois de meio século dedicados

* Francisco Malta Romeiras é membro do Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia (CIUHCT-UL). Juntamente com Henrique Leitão, é coordenador científico da *Obra Selecta do Padre Luís Archer, S.J.* Recentemente, publicou o livro *Ciência, Prestígio e Devoção: Os Jesuítas e a Ciência em Portugal (séculos XIX e XX)*.A investigação que conduziu à escrita deste artigo foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (BD/SFRH/61883/2009). Gostava ainda de agradecer ao Prof. Henrique Leitão que, além de ter orientado este trabalho de investigação, leu e comentou as versões anteriores deste texto, dando sugestões especialmente relevantes para a escrita da sua versão final.

1 Além de serem responsáveis pelas exposições teóricas, os alunos eram também responsáveis pela execução de experiências científicas de grande actualidade, realizando demonstrações com descargas eléctricas, magnetismo, raios catódicos, raios X, telegrafia sem fios, cristais sólidos e cristais líquidos. Sobre as academias científicas dos jesuítas em Portugal nos séculos XIX e XX veja-se: Francisco Malta Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética: A divulgação científica na revista Brotéria (1902–2002) e o ensino científico da Companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 2014, pp. 106–131.

2 Sobre a longevidade e relevância da acusação pombalina de obscurantismo na

a contrariar as acusações de obscurantismo setecentistas, os jesuítas portugueses pareciam reconquistar o seu prestígio como educadores e cientistas, não só pela qualidade do ensino científico nos seus colégios, mas também através da publicação da revista *Brotéria* que, desde a sua fundação, contribuía para o desenvolvimento da botânica e zoologia em Portugal e para a divulgação nacional e internacional da descoberta e caracterização de novas espécies de animais e plantas.[3]

Ao contrário do que acontecia na grande maioria dos liceus portugueses, o empenho dos jesuítas em promover o ensino e a prática das ciências não se cingiu à mera implementação de disciplinas científicas, e as medidas que adoptaram transcenderam, em grande medida, os programas educativos oficiais. Nos Colégios de Campolide (Lisboa, 1858–1910) e de São Fiel (Louriçal do Campo, 1863–1910), os professores de ciências naturais utilizaram métodos pedagógicos de vanguarda (fazendo, por exemplo, uso de «projecções no alvo»), criaram laboratórios de física e química equipados com instrumentos modernos, constituíram excelentes colecções de história natural, fomentaram a instituição de academias, realizaram expedições científicas com os alunos, assinaram revistas nacionais e estrangeiras, e promoveram a investigação original em áreas como a física, a botânica e a zoologia. Mais do que se cingirem ao ensino científico, os jesuítas portugueses procuravam recriar a vida e o ambiente de verdadeiras instituições científicas, fornecendo a professores e alunos «meios abundantes para se aperfeiçoarem mais, acompanharem os progressos das sciencias e contribuirem para ellas, com trabalhos pessoaes».[4]

Nos colégios dos jesuítas em Portugal (1858–1910), o ensino das ciências naturais «baseava-se em experiências sempre que isso era possível», contrastando, por isso, «com a maior parte do ensino liceal desse tempo», como recordava nas suas memórias António

história dos jesuítas em Portugal veja-se: Francisco Malta Romeiras, Henrique Leitão, "The Role of Science in the History of Portuguese anti-Jesuitism", *Journal of Jesuit Studies* 2 (2015), pp. 77–99.

3 Francisco Malta Romeiras, "The Journal Brotéria (1902–2002): Jesuit Science in the 20th Century», *HoST – Journal of History of Science and Technology* 6 (2012), pp. 100–109; Francisco Malta Romeiras, Henrique Leitão, "Jesuítas e Ciência em Portugal. IV – A revista Brotéria – Sciencias Naturaes e a sua recepção nacional e internacional", *Brotéria* 174 (2012), pp. 323–333.

4 António Oliveira Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", *O Nosso Collegio* V (1908—1909), pp. 100–101.

Egas Moniz (1874–1955), Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia (1949) e antigo aluno do Colégio de São Fiel.[5] Para o sucesso do ensino experimental contribuíram diversos factores, não só de natureza científica, como a modernidade dos instrumentos de física, a qualidade das colecções de história natural, a realização de demonstrações públicas e a aptidão dos professores, mas também de natureza económica, social e política, como se descreverá de seguida.

Em primeiro lugar é necessário olhar, ainda que de forma breve, para as questões sociais e políticas relacionadas com este empenho activo na promoção do ensino e prática das ciências.[6] Convém relembrar que foi da vontade de recuperar o seu prestígio científico, posto em causa desde a campanha Pombalina, que acabaria por surgir este investimento na prática e ensino das ciências nos seus colégios. O próprio sucesso do restabelecimento da Companhia de Jesus no nosso país, e o surgimento de novas obras apostólicas, dependeu, em grande medida, do êxito deste projecto de reconquista da credibilidade educativa e científica. Estando no centro dos projectos da Companhia recém-restaurada, a ciência e o ensino tinham permitido aos jesuítas reconquistar, pelo menos em parte, a influência e o raio de acção que tinham tido nos séculos anteriores. Por isso, torna-se impossível dissociar a relevância científica do ensino experimental das ciências naturais e das colecções dos jesuítas, da sua relevância social e política. À data da implantação da República, as colecções de história natural dos jesuítas tinham pois uma dupla importância. Estas colecções eram estimadas não só pela sua diversidade e qualidade, mas também, e talvez sobretudo, pelo seu valor simbólico, por serem prova viva do percurso percorrido nos últimos cinquenta anos. Ao valor operativo para o ensino e prática das ciências, juntava-se o seu valor como legado.

Para se compreenderem as razões pelas quais havia disponibilidade financeira para investimentos avultados na construção e progressivo melhoramentos dos espaços especialmente concebidos para o ensino experimental, como gabinetes de física, laboratórios de química, e museus de história natural, é essencial descrever, brevemente, a organização económica

5 António Egas Moniz, *A nossa casa*, Lisboa, Paulino Ferreira Filhos Lda, 1950, p. 254.

6 Para uma análise mais detalhada sobre a importância da questão científica para o restabelecimento da Companhia de Jesus no nosso país veja-se: Romeiras, Leitão, "The Role of Science in the History of Portuguese anti-Jesuitism".

dos colégios da Província Portuguesa neste período. As obras dos edifícios escolares, os sucessivos melhoramentos das condições sanitárias, e a construção dos espaços destinados ao ensino e à prática das ciências foram uma preocupação constante dos reitores de Campolide e de São Fiel.[7] E, de facto, a disponibilidade financeira para a realização destes aperfeiçoamentos foi um dos factores que terá distinguido os colégios dos jesuítas de outras instituições de ensino, quer públicas quer particulares. Apesar da sua importância relativa para as finanças dos Colégios de Campolide e de São Fiel, deve notar-se que não foram apenas as mensalidades e doações que permitiram aos jesuítas realizar as obras acima descritas. A chave para entender estes investimentos está, antes, no modo de funcionamento destes instituições, que por serem da Companhia de Jesus obedeciam a regras particulares. O facto dos jesuítas se submeterem a um voto de pobreza implicava, nesta altura, como nos séculos anteriores, que não pudessem auferir qualquer remuneração. Os custos com pessoal docente, uma das maiores despesas de uma instituição educativa, eram então muito reduzidos. Por esta razão, os colégios além de serem auto-sustentáveis chegavam, inclusivamente, a dar lucro, que era depois investido ou redistribuído por outras casas da Companhia.[8] A obrigatoriedade de reinvestir a totalidade do lucro, associada a uma vontade clara de promoção do ensino das ciências, resultou não só na ampliação e melhoramento dos espaços físicos tipicamente associados ao ensino experimental, como os gabinetes de física e os museus de história natural, mas também na compra de livros e colecções completas, como aconteceu, por exemplo, no ano lectivo de 1891–1892. Neste ano, o Museu de História Natural do Colégio de Campolide foi bastante ampliado com a compra

7 Note-se que, no total, os jesuítas terão gasto pelo menos 3.220$000 reis para a construção e manutenção do Gabinete de Física e Museu de História Natural do Colégio de Campolide, o que corresponde actualmente a 72.399,77 euros. Para a manutenção destes espaços, os alunos de ciências pagavam ainda 1$000 reis por mês, o que corresponde a cerca de 21 euros mensais: Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", pp. 99–113.

8 Sobre a impossibilidade dos jesuítas de receberem um salário nesta altura e a auto-sustentabilidade dos colégios consulte-se: Joaquim Mendes Abranches (trad.), *Constituições da Companhia de Jesus*, Lisboa, 1975, sobretudo a "Quarta Parte: Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo os que permanecem na Companhia". Sobre as obras e investimentos que os jesuítas fizeram no Colégio de Campolide veja-se: Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, pp. 50–59. Sobre os espaços do Colégio de São Fiel, veja-se: Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, pp. 79–87.

de um museu completo, que tinha sido organizado pelo célebre naturalista Domingos Vandelli (1735–1816).[9]

Os museus e as colecções dos jesuítas

Criados no ano lectivo de 1871–1872, o Museu de História Natural e o Gabinete de Física do Colégio de Campolide foram agregados em 1908 num só organismo. Dirigido por António de Oliveira Pinto SJ. (1868–1933) até 1910, o *Instituto de Sciencias Naturaes* representava, inequivocamente, um novo passo na institucionalização do ensino e da prática das ciências em Campolide.[10] O recém-fundado *Instituto de Sciencias Naturaes*, que se encontrava dividido em seis secções disciplinares (Física, Química, Mineralogia, Botânica e Zoologia), dava corpo de maneira particularmente expressiva e eficaz ao desejo de oferecer uma educação científica do mais alto nível.[11] Para Oliveira Pinto, a relevância educativa e científica do *Instituto* dependia de um trabalho contínuo no melhoramento da Biblioteca, do Museu de História Natural, e dos Laboratórios.[12] No caso do Museu de História Natural, o director pretendia não só que se

9 Este museu foi comprado por 450$000 reis. Organizado pelo célebre naturalista Domingos Vandelli (1735–1816) tinha pertencido a D. Pedro José de Noronha (1716–1788), 3º Marquês de Angeja. Além de ser constituído por duas excelentes secções de mineralogia e zoologia, este museu dispunha ainda de uma múmia egípcia, a única existente em Portugal. Depois da implantação da República, esta múmia, que se encontrava no Colégio de Campolide, foi transferida para o Museu Nacional de Arqueologia. Para mais detalhes sobre a compra deste Museu de História Natural veja-se: Manuel Borges Grainha, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, p. 105; Maria de Fátima Meneses, *Museus e ensino: Uma análise histórica sobre os museus pedagógicos e escolares em Portugal (1836–1933)*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2003, pp. 194–197; José Leite de Vasconcelos, "Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782", *O Archeologo Portugues* 24 (1920), pp. 108–176.

10 Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide" pp. 99–113. António de Oliveira Pinto, * 30.I.1868 Covilhã (Portugal), S.J. 12.VIII.1882 Barro (Portugal), † 17.III.1933 Caldas da Saúde (Portugal) (*DHCJ* IV, p. 3141).

11 Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", pp. 100–101.

12 Na Biblioteca, por exemplo, deveriam existir as principais revistas e os principais livros relativos aos diferentes ramos do *Instituto de Sciencias Naturaes*, sendo que em 1908 existiam já 48 revistas científicas diferentes. Entre estas revistas destacavam-se as seguintes: *Anales de la Sociedade Española de Fisica y Quimica, Archivos do Real Instituto Câmara Pestana, Boletim da Sociedade Broteriana, Brotéria, Bulletin de la Societé Portugaise des Sciences Naturelles, Journal de Chimie Physique, Journal of Mycology, La Nature, Le Radium, Revista Agronomica, Revista de Chimica Pura e Applicada*. Veja-se: Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", pp. 101, 103–104.

continuasse a classificar e ordenar as colecções já existentes, mas também que se comprassem e constituíssem novas colecções. Como deveriam existir laboratórios específicos para cada ramo científico, deveriam ficar contíguos ao Museu de História Natural a biblioteca científica e os Laboratórios de Zoologia, Botânica e Mineralogia, devidamente equipados com todos os instrumentos necessários para o seu ensino e prática. Por outro lado, os Laboratórios de Química e de Física deveriam comunicar com os anfiteatros respectivos. Porém, por ser necessária a realização de obras demoradas, o Laboratório de Física, o Laboratório de Ciências Naturais e a biblioteca científica acabaram por ficar, temporariamente, na mesma sala, enquanto que «de laboratorio de chimica servirá provisoriamente a aula de chimica».[13]

Além dos professores, o *Instituto* contava ainda com «ajudantes», isto é, alunos que auxiliavam os directores de cada secção na limpeza das colecções do Museu de História Natural, nos trabalhos de classificação taxonómica, e na Biblioteca. Porém, a participação dos alunos não se confinava apenas a tarefas de manutenção, como demonstra o repto lançado pelo *Instituto* no ano da sua fundação, em que era pedido a todos os antigos e actuais alunos de Campolide que obtivessem «exemplares zoologicos, botanicos, mineralogicos, etc., principalmente das colonias».[14]

Em 1908, no ano da fundação do *Instituto*, o acervo do museu era constituído por colecções etnológicas, onde se encontrava a famosa múmia que pertencera à colecção do Marquês de Angeja, e que era a única existente em Portugal, colecções de numinástica e heráldica, colecções mineralógicas e geológicas, colecções zoológicas e colecções botânicas, sendo que as colecções de criptogâmicas, sobretudo de musgos e fungos, e de mixomicetes eram consideradas de grande qualidade. Oliveira Pinto, por exemplo, mostrava orgulhar-se da qualidade das colecções botânicas de Campolide, referindo-se à colecção de mixomicetes como sendo «seguramente, depois da do *British Museum*, a mais completa da Europa».[15] Esta colecção na qual se encontravam espécies «muito raras e novas para a sciencia» fora constituída por Camilo Torrend SJ (1875–1961), e constava de 283 exemplares, nos quais estavam representadas 199 espécies diferentes.[16]

13 Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", pp. 101–102.

14 Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", p. 102.

15 Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", p. 99.

16 Carmilo Torrend, "Les Myxomycètes. – Étude des Espèces connues jusqu'ici", *Brotéria-Botânica* VI (1907), pp. 5–64; Idem, "Les Myxomycètes. – Étude des Espèces connues jusqu'ici", *Brotéria-Botânica* VII (1908), pp. 5–177. Veja-se também Pinto,

No ano seguinte, o acervo do museu aumentava com a chegada de novos exemplares, entre os quais se destacava um leão da Zambésia e que era, na altura, o maior espécime encontrado nos museus portugueses.[17] Apesar da relevância educativa deste espécime para o acervo do museu, «foi no campo da botanica que se trabalhou mais intensamente». Neste ano, foram adquiridas mais de 1500 novas espécies de fungos para o museu e classificadas mais de 100 espécies para o herbário de Coimbra, a pedido de Júlio Henriques (1838–1928), fundador e director do *Boletim da Sociedade Broteriana*.[18]

À data da implantação da República, o *Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide* era uma organização excepcional de ensino e de prática das ciências naturais no nosso país, não só pela qualidade do Museu de História Natural e do Gabinete de Física, mas também, e sobretudo, pela originalidade do seu projecto educativo.[19] Das actividades pedagógicas e científicas e dos

"O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", pp. 104–113. Camilo Torrend, * 21.VI.1875 Saint-Privat d'Allier, Haute Loire (France), S.J. 25.IX.1894 Barro (Portugal), † 24.VI.1961 Salvador da Bahia (Brazil) (*DHCJ* IV, p. 3816).

17 Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", p. 144. Este leão tinha sido trazido da Zambésia por um missionário jesuíta e acabou por ser preparado por António Mendes, taxidermista do Museu Bocage. Tinha 2,12 metros de comprimento e 0,95 metros de cauda. No Museu Bocage existiam outros dois leões, com 1,76 e 1,98 metros de comprimento, enquanto que no Jardim Zoológico, existia apenas um leão com 1,97 metros de comprimento.

18 Note-se que para o estudo e colheita de materiais, além de excursões repetidas ao Lumiar, Queluz e Belas, realizaram-se também expedições ao Alfeite, Vale do Rosal e Sintra e organizou-se uma grande jornada a Monchique, na qual participaram os alunos do 7º ano, um facto da maior relevância para a história da pedagogia científica em Portugal. Neste ano, realizaram-se ainda excursões exclusivas de professores a Vigo, a Tendais e à Serra da Estrela para a recolha de material botânico e zoológico. Para mais detalhes veja-se: Pinto, "O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide", pp. 145–146.

19 Como este artigo pretende focar, sobretudo, as colecções de história natural, as questões relacionadas com o Gabinete de Física e com o ensino experimental desta disciplina foram deixadas, propositadamente, para segundo plano. Contudo, deve referir-se, ainda que de forma breve, que o Gabinete de Física se encontrava subdividido em três diferentes secções (electricidade, óptica, e hidrostática e mecânica) e estava equipado com instrumentos científicos de vanguarda, entre os quais se destacavam equipamentos de raios catódicos e raios X, telégrafo sem fios e acessórios para o estudo dos cristais líquidos. A existência e utilização destes instrumentos para demonstração experimental dos tratados de física coloca o Colégio de Campolide numa corrente didáctica da Física que vinha a ser posta em prática nos principais países europeus, desde o início do século XIX: Paolo Brenni, "The Evolution of Teaching Instruments and Their Use Between 1800 and 1930", *Science and Education* 21(2012), pp. 191–226.

princípios que regeram o seu funcionamento compreende-se que o seu objectivo não era divulgar apenas uma versão simplificada da ciência, mas sim reproduzir, tanto quanto possível, a actividade científica em áreas como a botânica, a zoologia, a física, a química e a mineralogia. Concebido como uma instituição de fronteira entre o ensino e a prática das ciências, o *Instituto* reflectia a preocupação dos jesuítas em preparar cientificamente uma nova geração e em divulgar e promover a investigação no nosso país.

Tal como em Campolide, os jesuítas também estabeleceram no Colégio de São Fiel espaços educativos especialmente direccionados para o ensino das ciências naturais. Apesar de não ser possível datar com precisão a fundação do Gabinete de Física e do Museu de História Natural, pode deduzir-se que tenham sido instituídos entre 1876 e 1878, uma vez que foi entre estes anos que se iniciou o ensino da disciplina de Física, Química e História Natural em São Fiel.[20] Além da existência destes espaços, existia ainda em São Fiel um Laboratório de Química e um Observatório Meteorológico, sendo este último dirigido por Carlos Zimmermann.[21]

Apesar da importância relativa dada ao ensino de outras disciplinas, como a geografia, os jesuítas de Louriçal do Campo estavam, tal como os seus congéneres de Campolide, particularmente empenhados no ensino de ciências naturais.[22] Esta

20 *Catálogos da Companhia de Jesus*, 1876–1878.

21 Carlos Zimmermann, * 28.V.1871 Ehighen (Germany), S.J. 7.IX.1890 Lyon (France), † 21.X.1950 Salvador (Brazil) (Francisco Malta Romeiras, Henrique Leitão, "Jesuítas e Ciência em Portugal. II – Carlos Zimmermann SJ e o ensino da Microscopia Vegetal", *Brotéria* 174 (2012), pp. 113–125; Doriedson Ferreira Gomes, Oberdan CALDAS, Eduardo Mendes da Silva, Peter Andrew Gell, David M. Williams, "Father Zimmermann (1871–1950): the first Brazilian diatomist", *Diatom Research* 27 (2012), pp. 177–188. O observatório meteorológico do Colégio de São Fiel (40° 22′ N 7° 31′ W) começou a ser construído em 1901 e estava situado a 2 Km da Serra da Gardunha, a uma altitude de 516 m. As observações meteorológicas realizadas em São Fiel eram depois relatadas ao Observatório do Infante D. Luís e constavam do relatório anual desta instituição nacional. Com a implantação da República deixaram de se fazer observações meteorológicas em São Fiel. Sobre a instituição deste observatório veja-se também: Francisco Malta Romeiras, Henrique Leitão, "Jesuítas e Ciência em Portugal. III – As expedições científicas e as observações dos eclipses solares de 1900 e 1905", *Brotéria* 174 (2012), pp. 227–237.

22 Para o estudo da geografia o Colégio de São Fiel dispunha de plantas detalhadas de Londres, Bruxelas, Porto, Paris e Berlim, de um globo terrestre da conceituada marca alemã Ernst Schotte & Co. (1855–1900), de 14 atlas e de 53 cartas e mapas diferentes. Para mais detalhes sobre estas plantes, mapas e cartas veja-se: Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, p. 83.

dedicação fica bem patente na diversidade dos instrumentos do Gabinete de Física, que permitiam a realização de experiências de mecânica e gravidade, de hidrostática, de gases, de calor, de óptica e de electricidade, na dimensão invulgar das colecções botânicas.[23] Para se compreender a relevância destas colecções, basta recordar que em 1910 o herbário era composto por 93 espécies de líquenes portugueses, 627 espécies de musgos portugueses e estrangeiros, 521 espécies de fungos portugueses, cerca de 3000 diatomáceas, 855 espécies e 106 subespécies de fanerogâmicas portuguesas, 47 espécies de fanerogâmicas estrangeiras, o que representava um total de 5 121 espécies diferentes.[24] Além de colecções zoológicas, botânicas e mineralógicas que, tal como em Campolide, deveriam estar também acessíveis aos alunos, o Laboratório de Ciências Naturais e o Museu de História Natural possuía ainda todo o material necessário para a realização de observações microscópicas.[25]

Os diferentes destinos das colecções

Na manhã de 5 de Outubro de 1910, o Colégio de Campolide foi bombardeado e invadido por militares numa pesquisa por armas de fogo e material explosivo, que se revelou infrutífera.[26] Durante os primeiros dias da revolução, populares e militares invadiram o Colégio e quebraram as vitrines do Museu de História Natural, rasgaram retratos, inutilizaram instrumentos científicos e roubaram livros raros da biblioteca, perdendo-se grande parte do legado educativo e científico dos jesuítas.[27] Prevendo acontecimentos da maior gravidade, e na sequência dos bombardeios na tarde de 4 de Outubro, um grupo de quinze jesuítas já se tinha dirigido à estação de comboios de Campolide, deixando a maior parte, se não quase a totalidade, dos seus bens no Colégio.[28] Neste grupo estava também

23 Para uma lista dos diferentes instrumentos do Gabinete de Física veja-se: Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, p. 83.

24 Joaquim da Silva Tavares, "O Herbário do Colégio de S. Fiel", *Brotéria-Botânica* 21 (1924), pp. 82–87.

25 No Colégio de São Fiel existiam três microscópios Zeiss, um aparelho maior de Abbe, e um micrótomo automático de sistema Schantze: Carlos Zimmermann, "Microscopia vegetal", *Brotéria* I (1902), pp. 49–75.

26 Luís Gonzaga Azevedo, *Proscritos*, Valladolid, Florencio de Lara, vol. I, 1911–1914, pp. 32–39.

27 Azevedo, *Proscritos*, p. 176.

28 Sobre a prisão e posterior expulsão dos jesuítas após a implantação da República veja-se: Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, pp. 149–170 e Francisco Malta

Carlos Zimmermann, que sofreu dois atentados no caminho para a estação de comboios, onde foi depois ameçado e assaltado por um revolucionário.[29]

Depois da implantação da República, os Colégios de Campolide e de São Fiel foram extintos, e grande parte dos seus instrumentos e livros científicos foram inutilizados ou roubados. No período imediatamente pós-revolucionário, Afonso Costa (1871–1937) decidiu então criar o Museu das Congregações na antiga residência dos jesuítas na Rua do Quelhas, em Lisboa, com o material confiscado dos Colégios de Campolide e de São Fiel (sobretudo correspondência, matrículas de alunos, apontamentos escolares e fotografias), tendo ainda determinado que seria Manuel Borges Grainha (1862–1925), um dos principais críticos dos jesuítas neste período, a dirigi-lo.[30]

Pouco depois da extinção dos colégios e prisão dos jesuítas, o Governo Provisório acabou por nomear comissões para inventariar os espólios dos Colégio de Campolide (18 de Novembro) e de São Fiel (21 de Novembro).[31] A comissão encarregada de catalogar o espólio de São Fiel, chefiada por José Ramos Preto (1871–1949), conhecido opositor dos jesuítas, determinou que o material científico deste estabelecimento deveria ser transferido para o liceu de Castelo Branco, uma vez que este liceu não possuía nem Gabinete de Física nem Museu de História Natural, apesar da suposta obrigatoriedade da existência destes espaços nos liceus.[32] A vontade de Ramos Preto

Romeiras, Henrique Leitão, "Jesuítas e Ciência em Portugal. V – Os Colégios de Campolide e de São Fiel e a implantação da República", *Brotéria* 174 (2012), pp. 425–440.

29 Azevedo, *Proscritos*, p. 21. Sobre estes acontecimentos veja-se também a obra de referência sobre o antijesuitismo no período da I República: António de Araújo, *Jesuítas e Antijesuítas no Portugal Republicano*, Lisboa, Roma Editora, 2004.

30 A maioria destes documentos encontram-se na Torre do Tombo, no Arquivo das Congregações.

31 Araújo, *Jesuítas e Antijesuítas*, p. 56.

32 Os liceus foram criados por Passos Manuel (1801–1862) em 1836, numa tentativa de modernizar a instrução secundária no nosso país. Contudo, tal como sucedera com a reforma pombalina dos estudos secundários, a restruturação do ensino secundário de Passos Manuel não teve os efeitos desejados e, apesar da existência de normas anteriores que previam a existência de um jardim experimental (1836), de um gabinete de física (1836) e de um museu de história natural (1860), só a partir da reforma da Jaime Moniz (1837–1917) em 1895 é que se começaram a registar algumas melhorias no ensino das ciências nos liceus. Em 1910, contudo, e apesar do grande esforço legislativo, a grande maioria dos liceus ainda não tinha estabelecido com sucesso o ensino experimental das ciências. Sobre o ensino científico nos liceus veja-se: Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, pp. 33–36. Para uma análise detalhada

foi cumprida, tendo sido transferido de São Fiel para o liceu de Castelo Branco «todo o laboratorio quimico, uma grande parte das maquinas e aparelhos para o estudo da fisica e avultado numero de exemplares de zoologia, e botanica», bem como a «colecção de mineraes, o material completo do observatório meteorológico, mapas, globos e aparelhos para o estudo da geografia, e ainda uma porção importante de livros».[33] Do Gabinete de Física e do Laboratório de Química foram enviados para Castelo Branco instrumentos de mecânica, hidrostática, óptica, electricidade e termodinâmica, enquanto que do Laboratório de Ciências Naturais chegaram, pelo menos, três microscópios e outros instrumentos essenciais para os estudos microscópicos, como por exemplo um micrótomo automático. Dada a sua enorme importância para a botânica em Portugal, o herbário de São Fiel não foi destinado ao liceu de Castelo Branco mas foi antes encaminhado para a Universidade de Coimbra, tendo ficado provavelmente a cargo de Júlio Henriques.[34]

Cândido de Azevedo Mendes (1874–1943), professor no Colégio de São Fiel e um dos fundadores da *Brotéria*, foi um dos naturalistas da Companhia de Jesus que viu as suas colecções confiscadas pelo Governo Provisório.[35] Dada a sua relevância científica, e à semelhança do herbário de São Fiel, a sua colecção de lepidópteros não foi enviada para o liceu de Castelo Branco, mas sim para a Universidade de Coimbra. Exilado em Salamanca, ainda se empenhou em recuperá-la, mas não teve sucesso.[36] Em 1911,

sobre as reformas educativas que deveriam ter levado à criação de Museus de História Natural nos liceus veja-se: Inês Gomes, "Os Gabinetes de História Natural dos Antigos Liceus – Um Estudo Exploratório a Partir dos Textos Legislativos", in: *Actas do Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*, Coimbra, 2011, pp. 1185–1201. Por fim, sobre a transferência do Gabinete de Física e do Museu de História Natural do Colégio de São Fiel para o Liceu de castelo Branco veja-se: José Ramos Preto, "O Colégio de S. Fiel e a 'Caveira de burro'", *Notícias da Beira* 375, 21 de Janeiro de 1912.

33 "Liceu de Castello Branco", *A Pátria Nova*, 12 de Abril de 1912.

34 Maria Adelaide Neto Salvado, *O Colégio de S. Fiel: centro difusor da Ciência no interior da Beira*, Castelo Branco, Semedo-Soc. Tipográfica, 2001; Carlos Zimmermann, "Microscopia vegetal", *Brotéria* I (1902), pp. 49–75; Idem, "Microscopia vegetal", *Brotéria* II (1903), pp. 5–40; Idem, "Microscopia vegetal", *Brotéria* IV (1905), pp. 137–159; Idem, "Microscopia vegetal", *Brotéria* V (1906), pp. 229–244.

35 Cândido Azevedo Mendes, * 17.I.1874 Torres Novas (Portugal), S.J. 7.IX.1888 Barro (Portugal), † 16.XII.1943 Ceará (Brasil) (*DHCJ* III, p. 2618).

36 Neste período de exílio, Cândido de Azevedo Mendes publicou *A Brotéria no exílio* e *O Collegio de São Fiel: Resposta ao Relatório do Sr. Advogado José Ramos Preto*. Centrados na expulsão de 1910, estes textos rebatiam as principais acusações de que os jesuítas eram alvo e apresentavam também alguns excertos de artigos

num opúsculo publicado no exílio, procurou rebater as principais acusações que Ramos Preto fizera em relação aos jesuítas de São Fiel.[37] Depois de contestar as acusações de riqueza, avareza e influência, recorrentemente utilizadas em Portugal desde os tempos de Pombal, Azevedo Mendes refutou as acusações de obscurantismo educativo, nomeadamente no ensino da história, literatura e filosofia. Para Ramos Preto, a única vantagem que o Colégio de São Fiel gozava em relação ao liceu de Castelo Branco era a existência de «um regular gabinete de phisica, um laboratorio chimico e um gabinete de zoologia», o que, na opinião do jesuíta, era deveras redutor. Enquanto assinante da *Brotéria*, e jurista local, Ramos Preto estava certamente ciente dos contributos dos jesuítas de São Fiel para o desenvolvimento da zoologia e da botânica no nosso país, bem como das actividades do Observatório Meteorológico deste colégio, pelo que Azevedo Mendes não compreendia o insucesso das várias tentativas de restituição dos «nossos livros e collecções como propriedade particular e fructo da nossa actividade individual».[38] Apesar de ter sido privado das suas colecções, estas circunstâncias não demoveram o jesuíta de constituir novas colecções de lepidópteros em Espanha. No entanto, em 1932 a história parecia repetir-se. Neste ano, a Companhia de Jesus foi expulsa de Espanha e o governo de Manuel Azaña (1880–1940) confiscou as novas colecções de Azevedo Mendes, constituídas durante os seus vinte anos de exílio. A principal diferença entre as duas expulsões iria residir no destino final das colecções. Enquanto que, no caso português, as colecções permaneceram na secção de Zoologia da Universidade de Coimbra, no caso espanhol, as colecções seriam restituídas ao jesuíta, encontrando-se actualmente no Instituto Nun'Alvres, nas Caldas da Saúde, Santo-Tirso.[39]

No exílio, os jesuítas acabaram por escrever um repto pedindo ao Governo Provisório a restituição das suas colecções. Aparentemente, este repto foi bastante divulgado, não só pela comunidade científica nacional, mas também pela comunidade

publicados por cientistas nacionais e estrangeiros que se mostravam indignados com o destino das colecções científicas dos jesuítas.

37 Cândido Azevedo Mendes, *O Collegio de S.Fiel: Resposta ao Advogado Sr. José Ramos Preto*, Madrid, López del Horno, 1911 [Editado também como separada da revista *Brotéria* em 1913].

38 José Ramos Preto, *Relatório sobre o extincto Collegio de São Fiel da Companhia de Jesus*, Lisboa, Typ. Mauricio, 1911, p. 26; Mendes, *O Collegio de S. Fiel: Resposta ao Advogado Sr. José Ramos Preto*, p. 66.

39 Afonso Luisier, "R.P. Cândido Azevedo Mendes (SJ)", *Brotéria-Ciências Naturais* 13 (1944), pp. 44–45.

científica internacional, como fica bem patente num artigo que Theodore Cockerell (1866–1948), zoólogo da Universidade do Colorado, publicou na revista *Science*.[40] Cockerell não entendia porque não se tinha nomeado nenhum naturalista para a comissão de São Fiel, mas antes um médico, um veterinário, e dois advogados, nem percebia porque razão é que a comissão era dirigida por um conhecido adversário do Colégio de São Fiel. O zoólogo ecoava as inquietações dos naturalistas da Companhia de Jesus e afirmava estar também bastante preocupado com a possibilidade das colecções estarem perdidas para a ciência.[41] Cockerell supunha ainda que na base da expulsão da Companhia devia estar o facto dos jesuítas não serem favoráveis a um regime republicano o que, a ser verdade, não justificava a confiscação dos seus bens. Na sua opinião, era necessário enviar alguém a Portugal para averiguar e relatar as circunstâncias da expulsão dos jesuítas, de forma a que se pudessem tomar as medidas apropriadas neste caso.[42]

40 «A document has recently been circulated, bearing the name of twelve Portuguese naturalists [...] who have been exiled from their country by the new government, "on the pretext that they are Jesuits." [...] These men were professors in the colleges of S. Fiel and Campolide, in Lisbon, and were known for their work in different branches of biology, and especially for the journal Brotéria, which they published. [...] In the course of years, they had established an excellent library of works on natural history, a laboratory for microscopic work, and had accumulated large collections, especially of Orthoptera, Lepidoptera, gall-insects and botanical specimens. The government ordered the arrest of these professors, and confiscated all their scientific possessions»: Theodore Dru Alison Cockerell, "The exiled Naturalists of Portugal", *Science* 34/882 (1911), p. 714.

41 «That on S. Fiel, where the principal collections were, did not include a single naturalist; instead, it consisted of a veterinarian, a physician, a professor and two lawyers, presided over by a particular enemy of the college. The Minister of Justice said to one of the arrested men, "If your collections are lost to you, they are not lost to science". Unfortunately, however, the collections were accumulated for special ends, and it will not be possible for others to make the best use of them. In many cases the specimens are not labelled, and in others they are marked with numbers, abbreviations, etc., intelligible only to their original owners»: Cockerell, "The Exiled Naturalists of Portugal", p. 714.

42 «It is probable that there is another side to this question, but granting the accusations of their enemies, that they are Jesuits, and (I suppose) opposed to a republican form of government, there is still no justification for the action taken in depriving them of their scientific materials. No doubt the government claims that all these things belong to the colleges, and not at all to the particular men; but while this may be true in a sense, all scientific men agree that they had rights in the matter which have been apparently ignored. Would it be possible for some representative scientific body to appoint and pay the expenses of a man who would enquire into all the facts and furnish a carefully considered report? Should such plan be contemplated, preliminary enquires might be made to see

Neste documento, eram mencionadas a Biblioteca de História Natural e o Laboratório de Microscopia, e as colecções entomológicas (ortópteros, lepidópteros e zoocecídeos) e botânicas perdidas em 1910.[43] Os jesuítas questionavam-se também sobre o destino dos livros, revistas, instrumentos e manuscritos científicos, e ainda do herbário e das colecções de geologia, mineralogia, fanerogâmicas, líquenes e briófitas, cujo restituição tinha falhado. Para os naturalistas exilados, estas colecções estariam «irremediavelmente perdidas para a sciencia», dado que grande parte dos materiais ainda não estavam completamente estudados e catalogados, uma vez que «faltam muitas vêzes etiquetas completas; numeros de referencia a notas tomadas no proprio local, abreviaturas, simples sinais, indecifráveis e sem valor para qualquer outro, encerram para os autôres amplas informações. São circunstancias, estas, que os profissionais da sciencia sabem bem apreciar».[44]

E, de facto, os cientistas portugueses compreendiam estas circunstâncias, acabando, muitas vezes, por apoiar as pretensões dos jesuítas.[45] A este respeito deve notar-se ainda que a indignação

whether the case of the exiles was apparently good. If the report supported the exiles, organized protests from the scientific bodies of different countries might be appropriate»: Cockerell, "The Exiled Naturalists of Portugal", pp. 714–715.

43 Este documento encontrava-se assinado por alguns dos cientistas mais proeminentes da Companhia de Jesus neste período como Afonso Luisier (1872–1957), Joaquim da Silva Tavares (1866–1931), António de Oliveira Pinto, Camilo Torrend, Carlos Zimmermann e Cândido Azevedo Mendes, entre outros.

44 D. Luís de Castro, "Protesto de homens de sciencias", *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa* I/5 (1912), pp. 165–167. No exílio, os redactores da *Brotéria* endereçavam ainda uma carta ao presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, manifestando o agradecimento à «Sociedade em geral e em particular aos socios que mais se destinguiram na defesa da nossa causa», assegurando que iriam continuar a acompanhar os progressos da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais enquanto sócios correspondentes exilados: Joaquim da Silva Tavares, Carlos Zimmermann, Manuel Rebimbas, *Carta endereçada ao Presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências naturais*, [posterior a 1910], Arquivo Português da Companhia de Jesus, Lisboa.

45 As pretensões dos jesuítas foram apoiadas por cientistas portugueses como António Ferreira da Silva (1853–1923), fundador e presidente da Sociedade Portuguesa de Química, e José Veríssimo de Almeida (1834–1915) e D. Luís De Castro (1868–1928), 2º Conde de Nova Goa, ambos professores do Instituto Superior de Agronomia. Sobre o apoio público destes cientistas veja-se: Castro, «Protesto de homens de sciencias»; António Ferreira da Silva, "Director e redatores da 'Broteria'. Um appello aos homens de boa vontade", *Revista de Chimica Pura e Applicada* 6 (1910), pp. 362–363; Idem, "Os redactores da "Broteria" exilados; as suas collecções scientificas confiscadas e perdidas", *Revista de Chimica Pura e Applicada* 7 (1911), pp. 229–231; Idem, "Broteria", *Revista de Chimica*

da comunidade científica nacional parece ter sido transversal e independente da simpatia ou antipatia pelo novo regime. Os jesuítas foram apoiados tanto por cientistas católicos e monárquicos, como António Ferreira da Silva (1853–1923), como por cientistas manifestamente republicanos como José Veríssimo de Almeida (1834–1915).[46] «Sem embargo de ser livre pensador e quase sectário em matéria de religião», Veríssimo de Almeida defendia as reivindicações dos naturalistas da Companhia de Jesus, mostrando assim que apesar da sua visão política e postura anticlerical, distinguia por completo as questões políticas e religiosas da questão científica.[47] A postura de Veríssimo de Almeida, botânico republicano, opunha-se de forma bastante notória à de Afonso Costa, Ramos Preto e Borges Grainha que, apesar de não serem cientistas, acabaram por determinar o destino das colecções dos jesuítas. A agenda política e religiosa deste triunvirato sobrepunha-se, peremptoriamente, à onda de protestos dos cientistas nacionais e estrangeiros.

As restituições diplomáticas

No documento que enviaram aos seus correspondentes, além de se questionarem sobre o paradeiro dos manuscritos, livros, revistas, instrumentos e colecções, cuja restituição tinha falhado, os jesuítas salientavam que o Governo Provisório tinha ordenado a restituição «das colecções micologicas e de duas ou três obras de micologia, bem como das diatomaceas e uma pequena parte do material briologico». Tendo em conta a agenda política do regime recém-implantado, e o desdém generalizado pelas reivindicações da comunidade científica, a restituição, ainda que parcial, de algumas colecções dos jesuítas poderia causar alguma perplexidade.

Pura e Applicada 7 (1911), p. 377; Idem, "Testemunho em favor da Brotéria", Brotéria-Vulgarização Científica 16 (1918), pp. 190–191; Idem, "Brotéria e os seus Naturalistas", *Revista de Chimica Pura e Applicada* (1918) pp. 75–79; Joaquim da Silva Tavares, "José Veríssimo de Almeida", *Brotéria-Botânica* 13 (1915), pp. 57–60.

46 Para Ferreira da Silva, «as instituições republicanas honrar-se-hiam» tratando com benevolência «esses pioneiros dedicados á sciencia», devendo permitir que os naturalistas pudessem retomar os seus trabalhos científcos, um ofício que seria para «honra nossa e prestigio do nosso nome»: Silva, "Os redactores da Broteria", pp. 229–231.

47 Tavares, "José Veríssimo de Almeida", pp. 57–60. Além dos cientistas mencionados, Cândido Azevedo Mendes documentou ainda as reacções de indignação de outros cientistas portugueses e estrangeiros como Marck Athias e Mario Bezzi (1868–1927), entre outros, em: Mendes, *A Brotéria no exílio*, pp. 16–26.

Contudo, estas restituições ocorreram apenas em casos muito pontuais e deveram o seu sucesso a intervenções diplomáticas.[48] De facto, na I República, só três jesuítas estrangeiros viram parte das suas colecções restituídas: um suíço (Afonso Luisier), um francês (Camilo Torrend), e um alemão (Carlos Zimmermann). Enquanto que Afonso Luisier SJ (1872–1957) conseguiu reaver em Abril de 1913 parte da sua colecção briológica por intervenção directa do cônsul suíço, Camilo Torrend reaviu toda a sua colecção micológica, graças à intervenção do embaixador francês.[49] A restituição parcial de algumas colecções aos jesuítas estrangeiros, através de acções diplomáticas, mostra que a agenda de legitimação do novo regime a nível internacional se sobrepunha à questão religiosa e à necessidade de afirmação do poder a nível local. Quanto a Zimmermann, desconhecia-se como tinha conseguido reaver parte da sua colecção de diatomáceas, sabendo-se apenas que o conseguira através da ajuda de «um amigo que o era também da nova forma de regimen».[50] Da escassez destes dados surgiam três perguntas, às quais, até então, não era possível responder: Quem era o amigo de Zimmermann? Qual o seu papel na restituição das colecções? Houve intervenção diplomática da Alemanha neste caso?

48 Veja-se também, a título de exemplo, a importância da diplomacia no percurso de duas colecções oitocentistas: as colecções brasileiras do Real Gabinete da Ajuda e que Etienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772–1844), director do Museum d'Histoire Naturelle de Paris, levou de Lisboa para Paris; e as colecções de Friedrich Welwitsch (1806–1872), que foram de Angola para Lisboa e daí para Londres: Filipa Lowndes Vicente, "Travelling Objects: the Story of Two Natural History Collections in the Nineteenth Century", *Portuguese Studies* 19 (2003), pp. 19–37.

49 Em 1922, alguns jesuítas começaram a regressar discretamente a Portugal. Contudo, foi apenas após a instituição da Ditadura Militar que o regresso oficial dos jesuítas foi permitido. Neste período de transição entre a I República e o Estado Novo, os jesuítas trasladaram a casa de escritores que tinham estabelecido em Pontevedra para Lisboa, em Outubro de 1928, e transferiram o Instituto Nun'Alvres de La Guardia para Santo-Tirso, em 1932. Foi também nesta altura, mais concretamente em 1927, que Joaquim da Silva Tavares, provavelmente como prova de boa fé do novo regime em relação à Companhia de Jesus, recuperou a sua colecção de cecídidas e um micrótomo, essencial para a realização dos seus estudos de citologia. Para mais detalhes sobre a recuperação das colecções de Silva Tavares, veja-se: António Lopes, *Roteiro histórico dos jesuítas em Lisboa*, Braga, Livraria A.I., Editorial A. O., 1985, pp. 143–146; Joaquim da Silva Tavares, "A *Brotéria* nos primeiros 25 anos da sua existência", *Brotéria* [Número especial publicado no XXV aniversário da sua fundação] (1927), p. 37. Afonso Luisier, * 6.II.1872 Fregnoley, Valais (Suíça), S.J. 2.X.1891 Barro (Portugal), † 4.XI.1957 Caldas da Saúde (Portugal) (*DHCJ* IV, pp. 2440–2441).

50 Mendes, *A Brotéria no exílio*, pp. 26–27.

A devolução das colecções de Carlos Zimmermann

Apesar de ter entrado oficialmente na Companhia de Jesus em Lyon, em data incerta, Carlos Zimmermann (n. Alemanha, 28 de Março de 1871) acabaria por iniciar a sua formação religiosa em Portugal. Como membro da Província Portuguesa, à qual pertencia desde 7 de Setembro de 1890, data do seu ingresso no Noviciado do Barro, em Torres Vedras, o jesuíta alemão desenvolveu nos colégios portugueses um conjunto de actividades ligadas ao ensino e à prática das ciências. Além de promover activamente o ensino experimental das ciências naturais, nomeadamente na área da botânica, Zimmermann fundou e dirigiu espaços especialmente vocacionados para o ensino e prática das ciências como o Museu de História Natural do Colégio do Porto e o Observatório Meteorológico do Colégio de São Fiel, onde também era responsável pelo herbário.[51] Em 1902, o seu empenho na

Carlos Zimmermann SJ (1871–1950), ao centro. Lisboa, Arquivo Português da Companhia de Jesus

51 Zimmermann esteve dois anos no Noviciado do Barro, tendo sido responsável pelo ensino de música. Depois de ter completado três anos de estudos de filosofia, no Colégio de São Francisco (1892–1895), em Setúbal, foi nomeado professor no Colégio de São Fiel, onde permaneceu até 1902, ano de fundação da revista *Brotéria*. Entre 1902 e 1905 estudou teologia em Canterbury, Inglaterra, tendo terminado a sua formação teológica em 1906 no Colégio de Santo Inácio de Enlway, na Irlanda. Depois da terceira provação, que realizou no Noviciado do Barro entre 1906 e 1907, foi enviado para o Colégio do Porto, onde dirigiu o Museu de História Natural, que na altura se estava a organizar. Com o encerramento deste colégio em 1909, Zimmermman regressou a São Fiel, onde permaneceu até 1910. Nos dois períodos em que esteve em São Fiel (1895–1902 e 1909–1910), foi responsável pelas disciplinas de Física, Química e História Natural, Música, Latim, História, Geografia, Desenho e Alemão. Na sequência da implantação da República e subsequente expulsão dos jesuítas exilou-se no Brasil. Onze anos depois abandonou a Companhia de Jesus e pediu a secularização, tendo permanecido, contudo, no Brasil, onde acabaria por morrer no dia 21 de Outubro de 1950, em Salvador. Para mais detalhes sobre a vida e obra de Carlos Zimmermann, e além dos *Catálogos da Companhia de Jesus*, 1895–1921, devem consultar-se também os seguintes estudos: Romeiras, Leitão, "Jesuítas e Ciência em Portugal. II – Carlos Zimmermann S.J. e o ensino da Microscopia Vegetal"; José Eduardo Franco, "Os directores da Brotéria – Carlos Zimmermann", in: Hermínio Rico, José Eduardo Franco (eds.), *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria-100 anos*, Lisboa, Gradiva, 2003, pp. 149–150; Gomes et al., "Father Zimmermann (1871–1950): the first Brazilian diatomist".

promoção do ensino e prática das ciências naturais levou a que fundasse no Colégio de São Fiel, juntamente com Joaquim da Silva Tavares e Cândido de Azevedo Mendes, a *Brotéria*, uma revista de investigação original consagrada, inicialmente, às áreas da botânica e da zoologia.[52] Por esta iniciativa, sem paralelo na história científica quer da Companhia de Jesus, quer das instituições de ensino médio no nosso país, o seu perfil como cientista começava a surgir. Reconhecido em Portugal e no estrangeiro pela relevância do seu trabalho de classificação sistemática, publicado sobretudo na *Brotéria*, Zimmermann acabaria por integrar importantes sociedades científicas como a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da qual era sócio fundador, e a Real Sociedade de Microscopia de Londres.[53] Entre 1902 e 1919, Zimmermann publicou vinte e nove artigos na *Brotéria*, a maioria sobre diatomáceas, um dos grupos mais significativos de algas pertencentes à classe das *Bacillariophyceae*, tendo identificado e caracterizado, ao longo da sua carreira, dezenas de novas espécies em Portugal, no Brasil, e nas ilhas da Madeira e de Porto Santo.[54] Este seu interesse pela identificação e classificação de novas espécies de diatomáceas é especialmente relevante no contexto deste artigo, uma vez que era partilhado por José da Silva e Castro (1842–1928), personagem central nesta história, como se verá.[55]

52 A *Brotéria* foi uma das mais importantes revistas científicas editadas em Portugal. Por ser uma revista com artigos de investigação original, e não uma gazeta apololética de divulgação literária e científica, distinguiu-se, desde a sua fundação, dos outros períodos publicados pela Companhia de Jesus em todo o mundo. A sua riqueza científica pode ser apurada, em primeiro lugar, pelo número e qualidade dos artigos publicados, e pela diversidade de novas espécies de animais e plantas descritas. Recorde-se que entre 1902 e 2002 se publicaram na *Brotéria Científica* 1279 artigos de investigação em áreas tão diversas como botânica, zoologia, genética de melhoramento de plantas, fisiologia, bioquímica, genética molecular e genética humana, e se descreveram e classificaram mais de 1300 novas espécies zoológicas e 887 novas espécies botânicas. Para mais detalhes sobre a história científica da *Brotéria*, veja-se Romeiras, *Das Ciências Naturais à Genética*, pp. 173–310; Idem, "The Journal Brotéria (1902–2002): Jesuit Science in the 20th Century"; Romeiras, Leitão, "Jesuítas e Ciência em Portugal. IV – A revista Brotéria".

53 José Eduardo Franco, "A evolução editorial da Brotéria", in: Hermínio Rico, José Eduardo Franco(eds.), *Fé, Ciência, Cultura: Brotéria-100 anos*, Lisboa, Gradiva, 2003, p. 107; Joaquim da Silva Tavares, "A Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais", *Brotéria-Vulgarização Científica* VI (1907), pp. 127–134.

54 A lista das espécies descritas por Zimmermann encontra-se em: Gomes et al, "Father Zimmermann (1871–1950)".

55 De acordo com Rolanda Albuquerque de Matos, José da Silva e Castro nasceu na

Silva e Castro era um naturalista que se dedicava, pelo menos desde 1892, ao estudo das diatomáceas, como sugere o seu artigo sobre a preparação e observação destas algas publicado no *Boletim da Sociedade Broteriana* em 1899.[56] Terá sido, muito provavelmente, por este interesse comum que começou a correspondência entre estes dois naturalistas, visto ser o tema mais frequente das cartas enviadas pelo jesuíta entre 31 de Janeiro e de 2 de Outubro de 1910.[57] Nestas cartas, onde o jesuíta alemão dava vários conselhos específicos sobre a observação e preparação de diatomáceas, fica bem patente que foi através dele que Silva e Castro se passou a corresponder com o célebre diatomista francês Maurice Peragalo (1853–?), autor de uma vasta obra sobre a identificação e classificação destas algas, e antigo professor de Zimmermann em Paris.[58] As cartas revelam ainda que o jesuíta se correspondia também com outro diatomista francês, Joannes Albert Tempère (1847–1926), que, por ser um activo coleccionador destas algas, tinha desenvolvido meios de montagem específicos para a sua observação microscópica.

freguesia de Santo Ildefonso, no Porto, em Fevereiro ou Março de 1842. Filho do juíz desembargador Silvério da Silva Castro e de Maria Delfina Barbosa, viveu no Porto, na Quinta de Vilar e, mais tarde, na Quinta de Sinções (1878–1928), em Famalicão, onde morreu, no dia 28 de Outubro de 1928. Casado com Mariana Ferreira da Fonseca Gouveia, não consta que tivesse deixado descendência. Sobre a vida e obra de José da Silva e Castro: veja-se: Rolanda Maria Albuquerque de Matos, *José da Silva e Castro: o naturalista e a sua obra, 1842–1928*, Lisboa, Instituto Português de Malacologia, 2009.

56 José da Silva e Castro, "Quelques observations sur la technique des diatomées (Lettre à M. le Dr. Julio A. Henriques)", *Boletim da Sociedade Broteriana* XVI (1899), pp. 144–155. De acordo com José da Silva e Castro este artigo, que era o primeiro que publicava, foi escrito a pedido de Júlio Henriques, que pretendia divulgar os procedimentos das preparações que Silva e Castro tinha montado para o Museu do Jardim Botânico de Coimbra. Silva e Castro lamentava-se que, por causa de uma doença que tinha (frequentemente mencionada nas cartas de Zimmermann: Lisboa, Arquivo de Jorge de Brito e Abreu (a partir de agora JBA), Carta de Carlos Zimmermann (26.1.1912) e Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (11.3.1912) [Apêndice, Documentos 12 e 13]). o seu estudo das diatomáceas portuguesas só viesse a ser publicado muitos anos depois: «l'étude serait publiée depuis longtemps, si une cruelle maladie ne m'avait interdit toute application, pendant ces dernières années, et dont la première partie vous sera envoyée prochainement». Pelo que se conseguiu apurar, este estudo não chegou a ser publicado.

57 Vejam-se, sobretudo, os documentos 1–7, publicados no final deste artigo.

58 Sobre o facto de Peragallo ter sido professor de Zimmermann veja-se Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (25.4.1910) [Apêndice, Documento 3]. Dos trabalhos de Peragallo sobre diatomáceas destacam-se, sobretudo, estas duas obras, cada uma composta por dois volumes: Hippolyte Peragallo, Maurice Peragallo, *Diatomées marines de France et des districts maritimes voisins*, 2 vols., Grez-sur-Loing M. J. Tempère, 1897–1908; Maurice Peragallo, *Catalogue général des Diatomées*, 2 vols., Paris, Clermont-Ferrand, 1897–1903.

Ao pedir a Tempère que enviasse o seu meio de montagem a Silva e Castro, uma mistura de «Monobrometo de Naftalina e Balsamo de Canada», o jesuíta mostrava ter um papel activo não só nesta rede científica em torno das diatomáceas, mas também na divulgação e promoção da investigação sobre estas algas em Portugal.

No exílio, a correspondência entre os dois naturalistas continuou, e Silva Castro mostrou estar particularmente preocupado com a devolução das colecções de Zimmermann. No final de Março de 1911, o jesuíta, que tinha acabado de chegar ao Brasil, informava que só não tinha começado «o nosso estudo predilecto» porque ainda não tinha recebido «os caixotes» com seus livros, instrumentos e colecções.[59] Estes caixotes deveriam ter sido entregues por António Machado (1883–1969) a «um colega meu que dentro de poucos dias ha de passar por Lisboa».[60] Porém, como em Agosto desse ano ainda não tinha recebido os seus bens, Zimmermann recorreu então à «costumada bondade» de Silva e Castro, enviando-lhe uma procuração que lhe conferia todos os poderes para «retirar as minhas cousas de Campolide e fazel-as enviar para aqui».[61] Em Outubro de 1911, o jesuíta informava que tinha contactado também o consulado alemão, mas que o cônsul não podia «proceder porque lhe faltam os papéis que provem a minha nacionalidade». Apesar de ter incumbido esta tarefa a um advogado na Alemanha, Zimmermann considerava que não se deveriam envolver os meios diplomáticos, porque estes poderiam «suscitar um grave conflicto, como me notificou o governo alemão».[62]

No dia 27 de Novembro de 1911, Zimmermann escreveu novamente a Silva e Castro, agradecendo o seu empenho na restituição dos seus bens. Aparentemente só não foi possível recuperar os livros. No entanto, na opinião de Zimmermmann, a sua posse era algo que se poderia facilmente «provar com copias

59 Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (29.3.1911) e Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (19.8.1911) [Apêndice, Documentos 8 e 9]. Quando chegou ao Brasil, Zimmermann dava também notícias da fundação de uma residência e de um colégio que em Março de 1911 tinha 31 alunos e em Agosto desse mesmo ano contava já com 55 estudantes. Por não se poder empenhar no estudo das diatomáceas, por lhe faltarem os seus materiais, Zimmermann dava aulas de física, química e história natural a dois estudantes que se estavam a preparar para a admissão na universidade, e ocupava-se em apanhar borboletas «que as ha muito variadas e muito bonitas».

60 Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (29.3.1911) [Apêndice, Documento 8].

61 Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (19.8.1911) e Lisboa, JBA, Procuração de Carlos Zimmermann a José da Silva e Castro (s.d.) [Apêndice, Documentos 9 e 14].

62 Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (17.10.1911) [Apêndice, Documento 10].

das facturas« e com o seu «uso exclusivo».[63] De acordo com António Machado, que inventariou o espólio que Zimmermann deixara no Colégio de Campolide, pertenciam ao jesuíta «oito caixas em forma de livro, contendo preparações microscopicas; uma caixa com preparações dispersas; varias latas com tubos, contendo colheitas de diatomaceas; alguns manuscriptos, fotografias e desenhos de preparações microscópicas».[64]

O sucesso da intervenção de Silva e Castro dependeu, muito provavelmente, de António Machado. Por um lado, sem a inventariação e posterior divulgação dos bens de Zimmermann teria sido impossível a Silva e Castro reclamar, «em nome do meu constituinte», estes e «outros objectos de sua propriedade particular, sem patrão, e que egoalmente se encontravão em Campolide».[65] Depois de os ter identificado e catalogado, é possível que Machado tenha ainda guardado os caixotes em sua casa, por não ser seguro o seu envio para Famalicão pelo caminho de ferro, como sugere o rascunho de uma carta de Silva e Castro.[66] Por outro lado, não se pode descartar a hipótese de que António Machado tenha tido um papel activo na restituição destas colecções. Por ser membro da comissão nomeada pelo Governo em Novembro de 1910 para examinar «as collecções scientificas e a bibliotheca de Campolide», António Machado tinha acesso privilegiado ao Colégio de Campolide e às colecções dos jesuítas.[67] E, por ser filho de Bernardino Machado (1851–1944), Ministro dos Negócios

63 Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (27.11.1911) [Apêndice, Documento 11]. Contudo, em Março de 1912, por ainda não recebido os seus papéis da Alemanha, Zimmermann temia não ser capaz de recuperar os seus livros: veja-se Lisboa, JBA, Carta de Carlos Zimmermann (11.3.1912) [Apêndice, Documento 13].

64 Lisboa, JBA, Cópia de um protesto (2.11.1911) [Apêndice, Documento 16].

65 Lisboa, JBA, Cópia de um protesto (2.11.1911) [Apêndice, Documento 16].

66 Lisboa, JBA, Carta de José da Silva e Castro (s.d.) [Apêndice, Documento 15].

67 Mendes, *A Brotéria no exílio*, pp. 12–16. Além de António Machado faziam também parte da comissão de avaliação das colecções científicas do Colégio de Campolide, Alberto Ferreira Vidal, reitor do Liceu Passos Manuel, Anselmo Braancamp Freire, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e director do Arquivo Histórico, Adolfo Pena, professor do Liceu da Lapa, Almeida Lima, professor da Escola Politécnica, Antero de Seabra, conservador do Museu Bocage, António Aurélio da Costa Ferreira, professor do Liceu Camões, António Xavier Pereira Coutinho e Baltasar Osório, professeroes da Escola Politécnica, Gabriel Pereira, inspector das bibliotecas, e José Leite de Vasconcellos, director do Museu Etnológico. A estes membros, nomeados a 18 de Novembro de 1910, juntavam-se José Veríssimo de Almeida, do Instituto de Agronomia e Veterinária e o tenente-coronel de artilharia Francisco Júlio Henriques Cortes, do Colégio Militar a 21 de Novembro.

Estrangeiros durante o Governo Provisório e futuro Presidente da República (1915–1919; 1925–1929), estava particularmente bem posicionado para negociar a devolução das colecções dos jesuítas estrangeiros. De facto, entre os membros desta comissão, que de modo geral defendiam as pretensões dos jesuítas, António Machado era a escolha natural para negociar com o Ministério da Justiça e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Seria, por isso, António Machado «o amigo que o era também da nova forma de regimen» a que se referia Azevedo Mendes?[68]

Estas duas hipóteses ganham maior plausibilidade quando se analisam, ainda que brevemente, alguns aspectos da vida de António Machado. Formado em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra (1905), António Machado acabaria por se especializar no estudo das briófitas, incentivado por Luisier, um dos mais reputados naturalistas da Companhia de Jesus em Portugal, reconhecido especialista no estudo destas plantas, e director da *Brotéria* entre 1931 e 1957.[69] Da correspondência e amizade com os jesuítas portugueses acabaria também por nascer uma importante colaboração científica, como demonstra a publicação de sete artigos na *Brotéria* entre 1917 e 1952.[70]

Uma breve conclusão

Depois de cinquenta anos dedicados a rebater as acusações de obscurantismo, os jesuítas portugueses tinham conseguido afirmar-se como educadores e cientistas, sobretudo junto das elites nacionais. Por isso, quando se viram destituídos das suas colecções, estimadas tanto pela sua qualidade como pelo seu valor simbólico enquanto testemunho do prestígio educativo e científico

68 Mendes, *A Brotéria no exílio*, pp. 26–27.

69 João Paulo Cabral, *Gonçalo Sampaio. Vida e Obra-Pensamento e Acção*, Póvoa do Lanhoso, Câmara Municipal de Póvoa do Lanhoso, 2009, p. 126. Veja-se também a biografia disponibilizada em: http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1010534 (página consultada a 13 de Novembro de 2015).

70 António Machado escreveu dois artigos para a *Brotéria-Botânica* (1907–1931): António Machado, "Notas de bryologia portuguesa. 1 – Plantas novas para Portugal", *Brotéria-Botânica* XV (1917), pp. 8–11 e "Notas de bryologia portuguesa. 2 – Duas excursões às Serras da Estrela e do Gerês", *Brotéria-Botânica* XV (1917), pp. 49–63 e cinco artigos para a *Brotéria-Ciências Naturais* (1932–1979): "Notas de Zoologia", *Brotéria-Ciências Naturais* 11 (1942), pp. 97–105; "Problemas da Sistemática (As grandes divisões ou tipos zoológicos)", *Brotéria-Ciências Naturais* 14 (1945), pp. 62–71; "Revisão de algumas hipóteses filogenéticas", *Brotéria-Ciências Naturais* 14 (1945), pp. 149–155; "Contribuição para os Miriápodes de Portugal", *Brotéria-Ciências Naturais* 15 (1946), pp. 5–37; "Miriápodes de Portugal", *Brotéria-Ciências Naturais* 21 (1952), pp. 65–170.

alcançado, tentaram recuperá-las recorrendo a todos os meios que tinham ao seu dispor. Se no caso de Luisier e de Torrend, o papel da diplomacia internacional foi fundamental, para Zimmermann foi fulcral o apoio de José da Silva e Castro. Para o jesuíta alemão, a constituição informal de uma rede científica em torno da observação, identificação e classificação de diatomáceas, acabaria por se revelar extremamente útil na devolução das suas colecções. Ao analisar com algum detalhe a restituição das colecções dos jesuítas portugueses e, concretamente, o envolvimento de Silva e Castro e António Machado, levantam-se novas pistas não só sobre a complexidade da expulsão e confiscação dos bens dos jesuítas mas também sobre o equilíbrio de forças entre a agenda política e religiosa do Governo Provisório, o reconhecimento e reputação internacional do regime recém-implantado, e o envolvimento e influência da comunidade científica nos primeiros anos após a implantação da República.

Apêndice documental

Nesta secção, publicam-se as transcrições de dezasseis documentos inéditos relacionados com as colecções científicas de Carlos Zimmermann.[71] Citados ao longo do texto, estes documentos revelam o papel do jesuíta alemão na constituição de uma rede científica em torno da identificação e classificação de diatomáceas e fornecem indicações precisas sobre os reagentes e as metodologias utilizadas para a observação destas algas. A sua leitura levanta novas pistas sobre o envolvimento de José da Silva e Castro (1842–1928) e António Machado (1883–1969) no processo que levou à restituição das colecções científicas do jesuíta. Apesar de estar centrada, sobretudo, nas questões relacionadas com as colecções de diatomáceas, a correspondência entre Zimmermann e Silva e Castro é também especialmente importante para a reconstituição histórica dos primeiros anos dos jesuítas exilados no Brasil. Por fim, as duas breves referências à passagem do cometa Halley revelam o espanto de Zimmermann perante a percepção pública deste fenómeno.

1. Carta de Carlos Zimmermann, 31 de Janeiro de 1910[72]

Ex.mo Amigo e S.r

Antes de tudo permitta-me V.a Ex.cia que lhe agradeça de novo a extrema amabilidade com que V.a Ex.cia e sua Ex.ma Esposa me receberam em sua casa.

Recebi as suas estimadas cartas e queira V.a Ex.cia desculpar se só agora lhe respondo. Quando voltei ao Collegio encontrei o R. P. Director de cama e não lhe pude fallar no desejo de V.a Ex.cia. Pouco depois partiu elle para Lisboa com o fim de se restabelecer. Escrevi-lhe. Mandou-me responder, pois não o podia fazer pessoalmente, que desejava que V.a Ex.cia desse uma forma nova ao seu artigo, pois

71 Os documentos inéditos que se publicam neste artigo encontram-se no arquivo pessoal de Jorge Sebastião de Mattos de Brito e Abreu, a quem muito agradeço por permitir a sua publicação. Estes documentos constituem uma colecção única e que até agora ainda não tinha sido catalogada. Neste artigo, a sua publicação segue uma ordem que obedece a critérios cronológicos e tipológicos. A sua organização é, portanto, a seguinte: os treze primeiros documentos são cartas de Carlos Zimmermann para José da Silva e Castro, datadas entre 1910 e 1912; o documento 14 é um rascunho da procuração passada por Zimmermann a Silva e Castro (s.d.); e os documentos 15 e 16, da autoria de José da Silva e Castro, são, respectivamente, uma carta para Carlos Zimmermann (s.d.) e a cópia de um protesto relacionado com a devolução dos pertences do jesuíta.

72 Manuscrita. Com a indicação que foi enviada do Colégio de São Fiel.

não lhe parecia bem que a Broteria o reproduzisse simplesmente. Eu quiz esperar até que elle voltasse ao Collegio com o fim de o dissuadir disto para poupar a V.ª Ex.cia o trabalho da nova redacção. Eis o motivo porque não lhe respondi logo. O R. P. Director deve chegar por estes dias e então escreverei a V.ª Ex.cia o que ele determinou.

Já escrevi ao meu fornecedor J. Tempère à Grez-sur-Loing (S. et M.) para lhe mandar um frasco da mistura "Monobrometo de Naftalina e Balsamo de Canada" que elle dá como estável e que tem um indice de refracção superior ao liquidambar.[73] Sei que a gomma d'Adragante em pequena espessura é invisivel neste meio, mas não sei dizer se o é tambem em maior espessura. Não ha que temer das bolhas de ar. O emprego que me indicou o proprio J. Tempère é o seguinte:

Deita-se uma gotta sobre a lâmina (slide) previamente aquecida para expulsar a humidade.

Coloca-se a lamella (cover) sobre a gotta.

Aquece-se tudo sobre uma chamma de alcool até se desprenderem muitas bolhas de ar que vão saindo.

Quando já não houver bolhas, centra-se a lamella que com o desprendimento das bolhas sempre se desloca, limpa-se e deixa-se seccar durante alguns dias, solda-se depois primeiro com bálsamo de Canadá e em seguida com Bitumen ou Maskenlack.

Optimo meio é tambem o Styrax preparado pelo Dr. Grübler Micrographisches Institute - Leipzig - Allemanha.

Os productos micrographicos d'esta casa são de toda a confiança.

Logo que tiver algum tempo tomarei a liberdade de lhe enviar algumas preparações.

Meus respeitosos comprimentos a sua Ex.ma Esposa e um cordial aperto de mão ao jovem Academico.

Desejando a saude de V.ª Ex.cia

Sou

Com toda a Consideração e Estima

de V.ª Ex.cia

Amigo dedicado e C.do Obg.mo

C. Zimmermann

73 O fornecedor a que Zimmermann se refere é Joannes Albert Tempère (1847–1926), diatomista francês.

2. Carta de Carlos Zimmermann, 28 de Março de 1910[74]

Ex.mo S.re
Meu presado amigo
De todo o coração lhe desejo muito boas festas de Pascoa, assim como também á sua Ex.ma Esposa e ao meu pequeno amigo José.

Desculpe, sim, a grande demora d'esta resposta. Estive doente com um forte ataque de influenza. Vim aqui a este Collegio com o fim de me restabelecer completamente. Regresso ainda hoje para São Fiel, e espero que em breve poderei retomar os meus trabalhos. Muito sinto que meu amigo tambem tenha estado doente e faço votos pelo seu completo restabelecimento.

O S.r Tempère disse-me em tempos que o indice de refracção do seu meio ficava entre o do liquidambar e o do Monobrometo de Naftalina, tendo as vantagens de ser inalteravel. Creio que a tournette do Tempère satisfará ao seu desejo. Já que V.a Ex.cia insiste tanto em pagar o tal frasquinho, pode satisfazer directamente o Sr Tempère, pois eu ainda não o paguei, a não ser que meu preparador em S. Fiel fizesse o pagamento durante a minha ausencia.

Para contar as estrias dos pleurosigmas, não podia V.a Ex.cia enviar-me as preparações? Eu tirava as fotografias embora muito imperfeitas, pois não tenho luz capaz para isto, e então contam-se as estrias com a maxima facilidade como eu mesmo experimentei.

A minha apochromatica de 2mm é realmente excellente, mas creio que a de 3mm e com a mesma apertura 1,40 não será inferior. Qual o resultado de 1,5-1,3 ignoro.

Quando tenciona publicar o seu trabalho sobre as Surirellas? De boa vontade me promptifico para lhe fazer os desenhos. Queira indicar-me quaes hão de ser.

Enviando os meus respeitosos comprimentos a sua Ex.ma Esposa e desejando a toda a familia mil venturas

Sou com a maxima consideração e estima
de V.a Ex.cia

amigo dedicado e Cr.do Obg.mo
Carlos Zimmermann

PS: A pequena estampa é para o meu jovem amigo José.[75]

74 Manuscrita; enviada do Colégio de Campolide.

75 Enquanto que nesta carta Zimmermann se refere ao «jovem amigo José», em todas as cartas subsequentes menciona sempre o «menino Gil». Para compreender a origem desta divergência é preciso realçar dois detalhes da vida do naturalista portuense. Em primeiro lugar, de acordo com Rolanda Matos, sua única biógrafa, José da Silva e Castro não teve descendência. Por outro lado, sabe-se também que,

3. Carta de Carlos Zimmermann, 25 de Abril de 1910[76]

Ex.mo S.r e Presadissimo Amigo,

Muito e muito obrigado pela sua amavel carta e seu postal. Como vão os seus trabalhos? Já recebeu o condensador?

Eu estudo actualmente umas colheitas que recebi dos Açores. Já determinei umas 250 espécies. Para determinar um bom número preciso tirar fotografias e isto leva o seu tempo. Nestas colheitas encontrei tambem como noutra que recebi da Africa, a tal Surirella Kerguelensis? de que lhe envio uma photographia.

Já V.a Ex.cia me manifestou a sua duvida sobre esta determinação, e agora parece-me realmente que esta Surirella não se pode identificar com a Kerguelensis. Inclino-me a que seja uma variedade nova da Surirela tenera. Entre as photographer de Möller encontrei uma forma que se parece muito com a da photographia com a differença que tem 2 engrossamentos em logar de um e classificada como Tenera. Estes dois engrossamentos existem nos logares indicados á tinta na photographia. Que parece a V.a Ex.cia? Consultarei também a opinião do Sr. Maurice Peragallo que foi meu professor em Paris.

Como já disse, recebi colheitas da Africa e também da Madeira e Macáo. Não sei quando as poderei estudar, pois estou muito ocupado.

Por estes arredores não falta gente que espera o fim do mundo com o provavel encontro da cauda do cometa com a Terra. Innocente cometa![77]

Já recebeu as cousas do Tempère?

Desejando a saude e mil venturas a V.a Ex.cia, a sua Esposa e ao Menino Gil

aguarda noticias suas

De V.a Ex.cia

Att.to Ven.do e Amigo sincero
P.e Carlos Zimmermann

a dada altura, acolheu em sua casa Gil de Castro, seu afilhado e futuro herdeiro, a quem acabaria por deixar a Quinta de Vilar e a Quinta de Sinções. Apesar de ser possível fazer várias especulações, o mais provável é que a referência ao «jovem amigo José» seja apenas um lapso de Zimmermann, lapso esse corrigido, aliás, nas cartas seguintes. Sobre a vida e obra de José da Silva e Castro veja-se: Matos, *José da Silva e Castro: o naturalista e a sua obra, 1842–1928*.

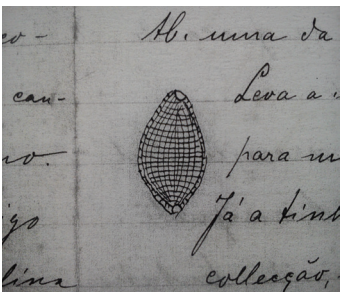
76 Manuscrita; enviada do Colégio de São Fiel.

77 Sobre a passagem do cometa Halley em 1910.

4. Carta de Carlos Zimmermann, 17 de Maio de 1910[78]

Meu presadissimo amigo

Muito lhe agradeço a sua estimadissima carta. Vou continuando com a determinação das diatomaceas de Ponta Delgada. Entre outras m.to interessantes encontrei ali uma da forma seguinte:



Desenho de uma diatomácea por Carlos Zimmermann

Leva a inscrição Adenanthes. Tenho para mim que é uma Entopyla. Já a tinha encontrado na minha collecção, mas não encontrei nem a figura nem a descripção.

Mandei-a ao Möller de Wedel para me tirar uma boa fotografia. Depois envial-a-hei ao S.r Peragallo.

Muito me alegro que ainda tenha a mão firme. É realmente para admirar numa edade já tão adeantada.[79]

Tambem eu costumo empregar o tal fixador de Tempère que é, como V.a Ex.cia diz uma solução fraca de gomma d'Adragante.

Tambem eu me arranjei mal ao principio com o turniquete. Afinal depois de muitas tentativas vi que era preciso faze-lo girar muito devagar. Eu, por assim dizer arrasto-o com o dedo ao mesmo tempo que lhe applico o pincel. O pincel deve ser fino (nº 1 ou nº 0), e, parece-me trabalha melhor quando se lhe corta um pouco da ponta. O Verniz de Judá deve ser grosso; mas tambem encontrei que o do Tempère não é grande cousa. Sirvo-me agora do Judenpech (Asphalto de Judá) do D.r Grübler, micrographisches Institut, Leipzig, Allemanha. Esta casa goza de uma reputação mundial e é de toda a confiança. Para soldar as preparações de Monobrometo de Naphtalina, emprego antes do Verniz de Judá o

78 Manuscrita.

79 Em Maio de 1910, José da Silva e Castro tinha já completado 68 anos. A referência à «mão firme» pode estar relacionada com a doença de que Silva e Castro se queixa no artigo publicado no *Boletim da Sociedade Broteriana* em 1899. Para mais detalhes sobre esta doença, veja-se a nota 55.

balsamo de Canadá porque receio que o Monobrometo dissolva o verniz. Sobre o bálsamo aplico o Verniz de Judá.

Desejo que seja muito feliz nas suas excursões. Por aqui nos arredores ha bastante susto por causa do Signal (é o termo que empregam). Creio que se o pobre cometa soubesse quanto susto causava, teria seguido outro rumo.[80]

Parece-me que não ha perigo que o monobrometo de naftalina se decomponha com o aquecimento, pois o seu ponto de ebulição é de 280° e a temperatura de dissociação é muito superior. Creio, pois, tambem que o indice de refracção não se alterará.

Ha dias apanhei uma forte constipação que não me deixa trabalhar como eu desejava.

Meus respeitosos cumprimentos à sua Ex.ma Esposa e um cordeal aperto de mão ao menino Gil.

De V.a Ex.cia

Amigo dedicado e grato,
P.e C. Zimmermann

5.**Carta de Carlos Zimmermann, 21 de Agosto de 1910**[81]

Ex.mo S.r e presado Amigo,

Recebi a sua primeira carta um dia antes de partir do Collegio de Campolide para o de S. Fiel, a segunda recebi hontem á noite. Ambas agradeço de todo o coração.

Pedi ao meu Superior licença para passar parte das ferias em sua casa que com tanta amabilidade me offereceu. Disse-me ele (o R. P. Cabral) que sentia não poder-me dar esta licença e tanto mais que sabia que V.a Ex.cia era pessoa de toda a estima e consideração, porem desejava não abrir antecedente e introduzir um costume que nunca existiu; de boa vontade daria elle licença para conferenciar eu com meu amigo no Porto durante as ferias do Natal e Pascoa, visto termos no Porto uma residencia.

Conformando-me com a vontade do meu Superior não deixo de sentir muito não lhe poder dar a satisfação de me ver em sua casa e do fundo do coração lhe agradeço de novo o seu amavel convite.

Enviarei ao Peragallo o desenho da Surirella em questão. Não o faço já hoje, pois estou muito ocupado em arranjar as cousas para

80 Tal como na carta anterior, Zimmermann referia-se à passagem do cometa Halley.

81 Manuscrita.

uma expedição scientifica para a Serra da Estrella. Partimos esta noite em Carro até Covilhã, montando depois a serra em cavallos. O meu fim é explorar as lagôas da serra. Voltaremos 6ª ou Sabbado e então escrever-lhe-hei sobre o êxito da nossa exploração.

Li a descripção da Surirella fortunata Fortm. no de Torri a qual me parece concorda bastante com o desenho que me mandou. Peragallo de certo pode verificar a especie, pois é elle que possue a collecção de Fortmorel. Muito desejo que em Linçães gozem todos de uma excellente saude.

Meus respeitosos comprimentos a sua Ex.ma Esposa e um afectuoso abraço ao menino Gil.

Creia-me sempre
Seu
Dedicado e gratissimo amigo

P.e C. Zimmermann

6. Carta de Carlos Zimmermann, 11 de Setembro de 1910[82]

Presadissimo Amigo e Senhor

Acabo de receber a resposta do S.r Peragallo. Envio-lhe a parte da carta que diz respeito as perguntas que fez. Vejo com satisfação que a tabella que lhe mandei lhe prestará bom serviço.

No resto da carta diz o S.r Peragallo: «Je serais heureux de compter M.r de Castro parmi mes correspondants et surtout de vous le devoir»

Quinta feira que vem parto para Lisboa. A minha direcção será pois : Collegio de Campolide - Lisboa.

Meus respeitos comprimentos á sua Ex.ma Esposa e um abraço ao menino Gil.

Sempre com toda a dedicação
De V.a Ex.cia

Aff.so amigo e grato,
P.e Carlos Zimmermann

7. Carta de Carlos Zimmermann, 2 de Outubro de 1910[83]

Meu presadissimo amigo

Muito e muito obrigado pela sua estimada carta. Recebi a no

82 Manuscrita.

83 Manuscrita.

primeiro dia do nosso retiro annual e é devido a isso a grande demora na resposta. Queira desculpar.

Muito de coração sinto que tenha passado mal de saude. Faço votos para que N. S.ª lhe restitua a saude.

A direcção para o S.r Peragallo é a seguinte: M.r Maurice Peragallo - Chef d'Escadron, Lauréat de l'Académie - Sceaux-Robinson près de Paris - Avenue 3.

É realmente o irmão do seu antigo correspondente Henri [sic] Peragallo.[84]

Recebi as 3 preparações que amanhã lhe torno a mandar. Um desastre d'estes é realmente para lamentar. Lembro-me que me tem succedido o mesmo com 2 preparações em que empreguei o medium de Tempère. Depois nunca mais me tem succedido estes desastre. Creio que é devido em não aquecer sufficientemente o medium ao fazer a montagem. Se não me engano são gottas de alguma substancia volatil de que Tempère se serve para dissolver o balsamo. Desconfio serem gottas de xylol.

Não me parece que o accidente seja devido ao verniz.

Eu emprego o balsamo de Canadá dissolvido em xylol para fazer soldagem antes de me servir do verniz. Ultimamente tenho empregado o cemento de Bell preparado pelo Dr. Grübler. Parece-me que é melhor do que o balsamo.

Li em varios auctores que o monobrometo de Naphtalina puro não é estavel. Da mesma opinião é o Dr. Grübler e o celebre preparador Möller de Wedel que emprega sempre o Styrax.

Desejando-lhe perfeita saude e enviando os meus respeitosos comprimentos a sua Ex.ma Esposa e um abraço ao Gil

Sou de de V.ª Ex.cia
dedicado e grato amigo

P.e Carlos Zimmermann

8. Carta de Carlos Zimmermann, 29 de Março de 1911[85]

Meu presadissimo Amigo

Tem esta principalmente por fim de lhe agradecer de coração a sua amavel visita a bordo do Ortega. Foi para mim summamente grata

84 Maurice Peragallo tinha um irmão que também se dedicava ao estudo das diatomáceas chamado Hippolyte Peragallo (1851–1921). A referência a um «Henri» Peragallo é, provavelmente, um lapso de Zimmermann.

85 Dactilografada; enviada do Externato António Vieira, Rua do Sodré, 43.

esta manifestação de sincera amizade e de não merecida sympathia. N. Sr. Lhe pague tudo, que eu não posso.

Minha viagem para o Brasil não podia ter sido melhor. O mar era sempre de rosas, e de enjôo nem vestigio. Cheguei á Bahia de todos os Santos no dia 12 de Março. Um bellissimo panorama apresenta a cidade; parece um palmeiral extenso semeado de habitações.

Fundámos aqui uma residência e um externato. Neste ultimo temos por este anno só instrucção primaria e o primeiro anno dos gymnasios. Até agora temos já 31 alumnos, e todos os dias chegam novos pedidos. É realmente mais do que esperavamos. Já teria começado com o nosso estudo predilecto; porem quando passei por Lisboa disseram-me que o Dr. Antonio Machado tinha ido a Coimbra e que entregaria as minhas coisas depois do seu regresso a Lisboa. Um colega meu que dentro de poucos dias ha de passar por Lisboa recebera os caixotes e os levará comsigo para aqui. Depois começarei immediatamente com o estudo, e satisfarei o seu pedido.

O clima aqui é excellente, embora o calor seja grande. A temperatura oscila actualmente entre 23 e 30 graus.

Enquanto não receber os meus livros e instrumentos occupo-me sobretudo em arranjar collecções botanicas e entomologicas para o nosso collegio. Sou auxiliado por um jovem, collega meu, que se dedica de alma e coração ao estudo das sciencias naturaes. Não me esquecerei de mandar plantas ao Dr. Julio a quem tanto devo.[86]

Desculpe se esta lhe escrevo com a machina; porem o especialista dos olhos prohibiu-me de escrever durante algum tempo.

Mui cordeaes e respeitos comprimentos a sua Exma. Esposa e um afectuoso abraço ao menino Gil.

Desejando a todos perfeita saude e mil venturas

Sou

De V. Ex.
affectuoso e sincero amigo
P. Carlos Zimmermann S.J.

9. Carta de Carlos Zimmermann, 19 de Agosto de 1911

Meu presadissimo Amigo

A sua estimada carta sensibilisou-me deveras. Tanta bondade não esperava porque não a merecia. De todo o coração lhe agradeço por tudo. Muito me impressionou a noticia da sua pouca saude. Queira

86 Refere-se, provavelmente, a Júlio Henriques (1838–1928), Director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e do *Boletim da Sociedade Broteriana*.

Deus, que quando ler esta carta já esteja completamente restabelecido. Ter-lhe-hia escripto já ha mais tempo, porém só agora o posso fazer, pois apanhei umas febres que por muito tempo me prostraram completamente. Agora já não tenho febre; mas sinto-me ainda bastante fraco. Espero porém estar restabelecido completamente dentro de alguns dias.

Quanto ás minhas cousas retidas em Lisboa succedeu o seguinte: Estando ainda na Hollanda tinha eu pedido ao Sr. Brito e Cunha de Lisboa que arranjasse as cousas com o Dr. Antonio Machado, de maneira que quando eu passasse por Lisboa as podesse levar comigo para o Brasil. Quando cheguei a Lisboa visitou-me este Senhor a bordo e disse-me que na véspera tinha ido á casa do Sr. Dr. Antonio Machado, mas que esse Senhor estava ausente em Coimbra e que elle entregaria as Cousas depois do seu regresso. Escrevi ainda do Brasil ao Sr. Britto e Cunha, mas não obtive resposta.

Não vejo, pois, outro meio para haver as minhas cousas, senão recorrer á sua costumada bondade. Envio-lhe uma procuração que lhe dá todos os poderes, pois estou plenamente convencido que merece toda a confiança. Queira, pois, por qualquer pessoa (pois sei, que pessoalmente não o pode fazer) retirar as minhas cousas de Campolide e fazel-as enviar para aqui. Ficar-lhe-ei eternamente reconhecido por todos os seus favores. Espero naturalmente as notas de todas as despezas.

Escreverei ao P. Mendes o muito que o meu amigo se empenhou por elle.

Não sei se já lhe disse que temos aqui um collegio em princípios. Temos só instrucção primaria e o primeiro ano dos Gymnaios, pois queremos ir devagar. Já temos 55 alunos que são todos externos, pois internos não admittimos por ora. D'ahi pode concluir que o futuro do collegio se apresenta bastante risonho. Se admittissemos internos, já teriamos de certo mais de 100 alunos.

Eu dou aula de physica, chimica e história natural a dous jovens que se preparam para a entrada na universidade. Houve tantos empenhos que não se pode resistir a esse encargo. Por ora só me tenho occupado em apanhar borboletas que as ha muito variadas e muito bonitas, pois, para me ocupar das diatomaceas me faltavam as minhas cousas de Lisboa.

Que haverá outra revolução em Portugal é opinião corrente entre os Portugueses que estão no Brasil. Deus tenha piedade do pobre pais, que ainda amo apezar do muito que alguns portugueses me fizeram soffrer. Ridicula é a insistencia da noticia de que são os Jesuitas que dão dinheiro para a contra-revolução. Esses homens que taes noticias propagam ou são estúpidos em máximo gráo ou retintamente máos.

Nós, que mal temos para comer, haviamos de dar dinheiro para a restauração da monarchia que tantos favores nos fez (sic)? É cruel e deshumano insultar e calumniar os vencidos. Perdoamos; mas dôe.

Meus respeitosos comprimentos á sua Exma. esposa e um cordial aperto de mão ao menino Gil.

Espero anciosamente noticias sobre a sua saude.

Agradecendo-lhe de novo todos e tantos favores
abraça-o affectuosamente e com saudade
o seu sincero e dedicado amigo

P. Carlos Zimmermann S.J.

10. Carta de Carlos Zimmermann, 17 de Outubro de 1911[87]

Meu bom amigo

Recebi as suas estimadissimas cartas em que patenteia mais uma vez a grande amizade que me tem, e que eu não sei como hei de agradecer. Pedirei todos os dias a N. S. que o queira recompensar.

Desculpe que só hoje lhe respondo; porem não me foi possivel fazel-o antes. Inclusa vai a lista que me pede. O meu microscopio não está nella, porque foi a unica coisa que pude salvar a tempo.

O meu consul em Lisboa já está informado de tudo, porem não pode proceder porque lhe faltam os papéis que provem a minha nacionalidade. Já pedi estes papeis da Allemamha; porem até agora não as pude obter porque dizem que não posso provar com certeza que voltei para a Allemanha antes de 10 annos de ausencia. Este negocio entreguei a um advogado na Allemanha que espera arranjar as coisas em breve. É pois, melhor, como meu amigo tenciona, empregar todos os outros meios antes de recorrer a este expediente que pode suscitar um grave conflicto, como me notificou o governo allemão.

Para aqui chegam todos os dias noticias de uma contrarevolução; porem estas noticias são tão contradictorias que não se chega a saber a verdade.

A influencia que me inutilisou durante um mez, está agora completamente debellada e sinto-me com as mesmas forças que antes. O clima, já se vê, não deixa trabalhar como na Europa. Dou aulas de physica, historia natural, inglez, allemão e geometria descriptiva. O resto do tempo occupo-me em apanhar borboletas, das quaes já possuo um bom numero.

Desculpe-me sim, o grande incommodo e trabalho que lhe dou

87 Dactilografada; enviada da Bahia, do Colégio António Vieira, Rua do Sodré, 43.

que de novo lhe agradeço de todo o coração.

Como vai de saude? Espero que melhor. Escrevei em breve ao Dr. Julio.[88] Não o tenho feito até agora, porque não quiz compromettel-o.

Meus respeitos cumprimentos a sua Exma. Esposa e um grande abraço ao Gil.

Desejando-lhe muita saude e todas as felicidades
sou com maxima estima e consideração
seu sincer [sic] e mui grato amigo

Carlos Zimmermann

11. Carta de Carlos Zimmermann, 27 de Novembro de 1911[89]

Recebi a sua estimadissima carta que me causa grande prazer não só por me patentear mais uma vez a grande amizade que me tem; mas tambem pela noticia que me dava que alguma cousa se tinha salvado. Tem meu amigo razão - podemos dizer: "graças a Deus". Mas eu da minha parte digo-lhe tambem um muito affectuoso "muito obrigado". Sem o seu trabalho, sem o seu cuidado nada teria conseguido. Não offenda a sua modestia com estas palavras que são somente a expressão da verdade. N. S. lhe queira recompensar tudo com abundancia.

Estou plenamente convencido que o meu bom amigo fará tudo para rehaver os meus livros. Sabe com certeza melhor do que eu, qual o caminho que se deva tomar. Talvez se possa tentar tambem uma reclamação directa para o governo, indicando-lhe a intervenção da diplomacia no caso da recusa.

Dirão talvez que não se possa provar que estes livros são meus por não ter o meu nome. Não tenho o costume, é verdade de marcar os meus livros com o nome; mas posso provar com copias das facturas que elles realmente são meus, além de que já o uso exclusivo meu provava isto com bastante evidencia.

A proposito dos livros esqueceu-me de notar na lista que lhe enviei os dois livros seguintes Die Diatomaceen Deutschlands von Blumenfeld (ou outro nome muito parecido) e um volume da obra: "Die natuerlichen Pflanzenfamilien" von Engler em que se tracta das Peridinias e diatomaceas.

Dentro de alguns dias começam as minhas ferias que duram até 15 de março. Espero poder augmentar notavelmente as minhas collecções. O amigo aconselha-me de recolher tambem as conchas da agua doce.

88 Tal como na carta 8, é provável que Zimmermann se referisse a Júlio Henriques.

89 Dactilografada; enviada da Bahia, do Colégio António Vieira, Rua do Sodré, 43.

De boa vontade o faria; porem isto tem aqui as suas difficuldades, pois por estes arredores não abunda a agua doce e para longe não é facil de ir por falta de vias de comunicação, e depois a gente foje da água doce por causa do perigo da febre amarella. Mas apesar de tudo isto seguirei o seu conselho logo se me offereça occasião.

Quanto ao caixote peço-lhe que faça aquilo que pediria se estivesse em meu logar. Já sabe que não precisa da minha auctorização para nada, pois tem-a já para tudo ha muito tempo.

Muito folgo que seu trabalho já esteja acabado. Receba, pois, os meus parabens. Para nós seria uma grande honra se para a publicação se quizesse servir da Broteria que continua a imprimir-se. A Broteria costuma encarregar-se da reproducção das estampas e dá ao autor 50 separatas. Ella continua a ser impressa em Braga. Se nos quizer fazer esta honra queira dirigir-se ao P. Candido Mendes - Seminario de Salamanca - Espanha.

Meus respeitos cumprimentos a sua Exma Eposa e um afectuoso aperto de mão ao menino Gil.

Desejando a todos óptima saude e enviando-lhe um grande abraço

sou

seu amigo dedicado e gratíssimo

Carlos Zimmermann.

Logo que começarem as ferias escrever-lhe-hei uma carta mais extensa.

12. Carta de Carlos Zimmermann, 26 de Janeiro de 1912[90]

Meu prezadissimo Amigo

Estou deveras inquieto por causa da sua saude. Não é tanto por falta de noticias, pois as suas occupações talvez não lhe permittam escrever, como por me ter dito na sua ultima que a sua saude não era a melhor. Como vai? Peço-lhe o obsequio de me dar noticias suas. Receio muito que o frio do Inverno lhe tenha affectado a sua saude. Como vai a sua Exma. Esposa? Como vai o menino Gil?

Espero que tenha recebido a minha ultima carta que lhe mandei em resposta á sua em que me perguntava o que havia de fazer das minhas coisas.

As coisas cá na capital estam bastante feias. Já terá noticias pelos jornaes do bombardeio da cidade que destruiu o palacio do governo

90 Dactilografada, enviada da Bahia, Itaparica.

e incendiou mais duas casas alem de causar varias victimas. A fuzilaria tambem fez mais de cem victimas. Tudo isto são effeitos da política cá da terra. Felizmente a cousa é só entre os soldados. Todas as noites há algumas escaramuças que fazem mais ou menos victimas, e ainda não sabemos quando isto acabará. Para nós não há nada que recear. Esta terra podia ser um verdadeiro paraizo terreal, mas a politica impede qualquer progresso.

Estamos actualmente na cidade de Itaparica, capital da maior ilha da Bahia de todos os Santos. Esta ilha é considerado como melhor sanatorio do estado da Bahia. Ficaremos aqui umas tres semanas. O novo anno escolar começa aos 15 de março.

O calor é actualmente tal que nada se pode fazer. A gente está alagada em suor dia e noite. Ha mais de um mez que soffro bastante do estomago, porem agora já estou bastante melhor e dentro de pouco tempo espero estar restabelecido completamente.

Onde vai publicar o seu trabalho sobre as Surirellas? Eu vou ver se faço nesta ilha algumas colheitas, embora nada se definitivo possa fazer por ora, pois ainda não chegou o meu microscopio.

Espero com ancia noticias suas.

Meus respeitos comprimentos á sua Exma. Esposa e um afectuoso abraço ao menino Gil.

Desejando a todos optima saude e todas as felicidades
sou com todo o respeito e a mais alta consideração

De V. Exia.
amigo affectuoso e gratíssimo
Carlos Zimmermann

13. Carta de Carlos Zimmermann, 11 de Março de 1912[91]

Meu prezadissimo Amigo

Acabo de receber a sua estimadissima carta que muito lhe agradeço. Era pois verdade o que eu suspeitava. Muito lastimo que uma doença tão prolongada o prostrasse e viesse perturbar a felicidade do seu lar domestico. Espero que a estas horas já esteja completamente restabelecido. Não se afflija com meu caixote; só se occupe delle quando estiver completamente bom; sua saude vale mais do que inumeros caixotes desses.

Dos temporaes havidos em Portugal tenho lido nos jornaes. Nós aqui temos tido um templo esplendido embora algum tanto quente.

91 Dactilografada; enviada da Bahia, do Colégio António Vieira, Rua do Sodré, 43.

Voltei para a Bahia ha 8 dias, tendo estado até então na esplendida Ilha Itaparica. Infelizmente tenho andado quasi todo o tempo das ferias com desarranjos no estomago e nos intestinos de maneira que não me foi possivel fazer alguma cousa com geito. Agora estou melhor.

Não sei se o meu manuscripto sobre as diatomaceas dos Açores se salvou. Se estiver a salvo publicarei esse trabalho de boa vontade no Boletim da Sociedade Broteriana.

Ainda não pude obter os meus papeis da Allemanha. Creio portanto que os meus livros estarão perdidos, e não sei o que poderei fazer sem elles.

As nossas aulas começam na sexta-feira que vem. O numero dos alunos agumentou notavelmente. Quando souber ao certo o numero participar-lho-hei.

A Bahia está agora completamente socegada e provavelmente continuará neste estado. Nós não tinhamos nada que temer; mas sempre confesso que não é agradavel ouvir passar as lanternetas por cima da casa.

Desejando que esta encontre o meu amigo em perfeita saude apresento os meus respeitosos comprimentos á sua Exma. Esposa ficando como sempre

seu

dedicado e gratíssimo amigo
P. Carlos Zimmermann S.J.

14. Cópia/rascunho da procuração de Carlos Zimmermann a José da Silva e Castro, *s.d.*[92]

Especialmente para representál-o na Republica de Portugal, onde quer que se faça preciso e receber do governo da mesma Republica ou autoridade competente os objectos de sua propriedade que se acham ou achavam-se no Collegio de Campolide, estabelecido em Lisboa. Para o dito fim, como para tudo quanto lhe disser respeito ou com o mesmo se relacionar, confere-lhe illimitados poderes e ainda mesmo os não expressos, pois por expressos desde já os dá. Tambem outorga-lhe poderes de, recebendo os objectos que lhe pertencem ou pertencerem, passar o competente recibo e os de substabelecer com ou sem reserva dos poderes, entre os quaes se compreendem judiciaes, quaes o de propor a devida acção para haver os ditos objectos e acompanhal-a em todos os seus termos até final [da] sentença.

92 Este manuscrito não se encontra assinado. É provável que seja ou uma cópia ou um rascunho da procuração de Zimmermann. Possivelmente terá sido enviada a António Machado: veja-se a carta 15.

15. Carta de José da Silva e Castro, *s.d.*[93]

Meu caro amigo,

Acabo de receber pelo mesmo correio as suas duas cartas de 27 e 28. Não imagina o que me incomodou a informação que me dá: acho extraordinaria a sem cerimónia com que cada um pega no que lhe apetece! Os s.rs que se aproppriarão de parte das collecções do Zimmermann de certo que o fizeram sem auctorização nem do ministro da Justiça do Governo Provisorio, nem creio que do actual!!!! Sinto o enorme incómodo e aborrecimento que lhe estou causando, mas em vista da responsabilidade, que sobre mim pesa não posso deixar de instar por que veja se consegue que, a bem, do lyceo restituão o que levarão.

A consciência do meu dever impõe-me a maior intransigencia. Tenho de consultar pessoa competente, que meu guie no caminho a seguir e não conseguida Justiça nem do governo nem dos Tribunais declinarei a minha responsabilidade no representante do paiz do Zimmermann, que verdadeiramente he que tem obrigação de o fazer.

O meu amigo obsequia-me mandando-me a minuta do recibo que tenho de passar-lhe, que lhe enviarei junto com uma publica forma da procuração, devidamente autenticada. N'esse recibo deve ficar impresso o que recebo e o protesto de reclamar o que foi distruido.

Chegão-me agora noticias da evolução no Porto, S.to. Thyrso, e outros pontos. Do Porto os jornaes contão alguma cousa, que fazem prever acontecimentos da maior gravidade. Dos outros pontos faltão noticias seguras, apenas boatos. Estara isto ligado com a invensão dos conspiradores no estrangeiro?! Enfim não me parece occasião segura para a expedição dos caixotes para aqui pelo caminho de ferro. O meu amigo poderia retiral'os para sua casa, fazendo fazer [sic] antes um inventario do que n'elles se contem, diante de testemunhas? O que poria a nossa responsabilidade a coberto? Todas as cautelas são poucas. O seu recibo e procuração do Z. e documento que o meu amigo tem, auctorização-o sufficientemente a fazel'o.

Mais uma vez peço que me perdoe as grandes massadas que lhe dou e que me creia sempre

ago. m.to. aff.do. e cr.do grato
J. S. Castro

93 Manuscrito. É possível que esta carta tenha sido enviada a António Machado, a quem José da Silva e Castro se refere na carta 16. Como Silva e Castro se refere ao ministro da Justiça do Governo Provisório e ao ministro actual, esta carta deve ser posterior a Setembro de 1911, uma vez que o Governo Provisório se auto-dissolveu no dia 4 de Setembro desse ano.

Que diabo de utilidade pode ter nos lyceus uma collecção de diatomaceas!!!

16. Cópia de um protesto, 2 de Novembro de 1911[94]

Em vista dos poderes que me são conferidos pela procuração cuja publica forma junto ao presente recibo, e que foi passada na cidade da S. Salvador da Bahia, dos Estados unidos do Brasil, em dezassete de Agosto do anno corrente de mil novecentos e onze, pelo R.do P.e Carlos Zimmermann, de naturalidade allemã, declaro ter recebido do S.r Pr.f D.r Antonio Machado, uma carta fechada, cujo conteudo não verifiquei, que o mesmo Pr.f diz conter os seguintes objectos pertencentes ao meu constituinte e encontrados no Collegio de Campolide, a saber: oito caixas em forma de livro, contendo preparações microscopicas; uma caixa com preparações dispersas; varias latas com tubos, contendo colheitas de diatomaceas; alguns manuscriptos, fotografias e desenhos de preparações microscopicas. Protestando em nome do meu constituinte, pelo direito que lhe assiste de haver os outros objectos de sua propriedade particular, sem patrão e que egoalmente se encontravão em Campolide.

Famalicão, 2 de Novembro de 1911

José da Silva e Castro

94 Manuscrito.

Resumo
Na sequência da expulsão das ordens religiosas, o Governo Provisório da República Portuguesa confiscou os livros, instrumentos e colecções científicas dos jesuítas. Neste artigo, apresentam-se e discutem-se algumas das principais questões relacionadas com a constituição destas colecções, com a sua apreensão em 1910, e com a sua restituição parcial nos anos seguintes. No final, através da análise de um conjunto de dezasseis documentos inéditos, será possível reconstituir o percurso das colecções de Carlos Zimmermann SJ, exilado no Brasil desde 1911. Além de reflectirem a importância das redes de correspondência científica para a devolução destas colecções, estes documentos levantam ainda novas pistas sobre a complexidade das questões diplomáticas e políticas envolvidas neste processo.

Summary
Carlos Zimmermann SJ was an important pedagogue and one of the most influential naturalists working in Portugal at the beginning of the twentieth century. He was an active promoter of an experimental approach to the teaching of the natural sciences, and one of the founders of the leading Portuguese scientific journal, *Brotéria*. His main area of research was the identification and classification of novel species of diatoms (one of the largest groups of microscopic algae). In the aftermath of the expulsion of the religious orders in 1910, the newly-established Portuguese Republic confiscated Jesuit scientific books, instruments and collections, including those produced by Zimmermann. Exiled to Brazil from 1911, he remained there until his death in 1950. This article focuses on the main questions relating to the organization, apprehension, and partial restitution of these collections. By analysing a set of sixteen unpublished documents, recently found in a private archive and now published as an appendix, the article reconstructs the trajectory and significance of Zimmermann's body of work. It elucidates, furthermore, the complex diplomatic and political circumstances, as well as the central role of correspondence networks, that led to the retrieval of these documents.